

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**POESIAS COMPLETAS**

*Laurindo Ribeiro*

POESIAS LÍRICAS

**O QUE SÃO MEUS VERSOS**

Se é vate quem acesa a fantasia  
Tem de divina luz na chama eterna;  
Se é vate quem do mundo o movimento  
C' o movimento das canções governa;

Se é vate quem tem n' alma sempre abertas  
Doces, límpidas fontes de ternura,  
Veladas por amor, onde se miram  
As faces da querida formosura;

Se é vate quem dos povos, quando fala,  
As paixões vivifica, excita o pasmo,  
E da glória recebe sobre a arena  
As palmas, que lhe of'rece o entusiasmo;

Eu triste, cujo fraco pensamento  
Do desgosto gelou fatal quebranto;  
Que, de tanto gemer desfalecido,  
Nem sequer movo os ecos com meu canto;

Eu triste, que só tenho abertas n' alma  
Envenenadas fontes d' agonia,  
Malditas por amor, a quem nem sombra  
De amiga formosura o céu confia;

Eu triste, que, dos homens desprezado,  
Só entregue a meu mal, quase em delírio,  
Ator no palco estreito da desgraça,  
Só espero a coroa do martírio;

Vate não sou, mortais; bem o conheço;  
Meus versos, pela dor só inspirados, —  
Nem são versos — menti — são ais sentidos,  
Às vezes, sem querer, d' alma exalados;

São fel, que o coração verte em golfadas  
Por contínuas angústias comprimido;  
São pedaços das nuvens, que m' encobrem  
Do horizonte da vida o sol querido;

São anéis da cadeia, qu' arrojou-me

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Aos pulsos a desgraça, ímpia, sanhuda;  
São gotas do veneno corrosivo,  
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Seca de fé, minha alma os lança ao mundo,  
Do caminho que levam descuidada,  
Qual, ludíbrio do vento, as secas folhas  
Solta a esmo no ar planta mirrada.

## O MEU SEGREDO

### I

O lume de sinistro fogo estranho  
Que em meu olhar se acende;  
A nuvem que de mágoas carregada  
No rosto se me estende;

Esta agonia acerba que repassa  
Os sons da minha lira;  
Este céptico altivo horror ao mundo  
Que em tudo meu respira;

Estas rugas, que trago sobre as faces,  
Os modos distraídos,  
A constante desordem do semblante,  
Dos gestos, dos vestidos;

Revela tudo um segredo,  
Que o mundo não sabe ler;  
Segredo, que só com pranto  
É que se pode escrever;

Segredo, que em meu futuro  
Negro anátema cuspiu;  
Segredo, que seduziu-me;  
Segredo que me traiu.

Letras escritas com pranto  
Sei que apagadas serão!  
Sei que um segredo de mágoas  
Nunca merece atenção!

Mas não importa; hoje quero  
O meu segredo escrever;  
Que guardado por mais tempo  
Talvez me faça morrer.

### II

Mandado do inferno  
Por ímpio destino,  
Um gênio mali'no  
No berço me viu —  
E após um instante  
Haver-me encarado

Com gesto irritado,  
O Gênio — o meu fado  
Traçando — sorriu.

Sorriu-se... e mudados  
No mesmo momento  
Que o Gênio cruento,  
Cruento me viu,  
Em negra tristeza,  
Meus gostos findaram;  
Meus lábios murcharam;  
Meus ais começaram;  
Meu pranto caiu.

No peito inda verde  
Secou-se a ventura  
Daquela fê pura  
Que a infância nos dá;  
No espelho onde via  
Em êxtase santo  
Os risos, o encanto,  
De um mundo, que há tanto  
Não sei onde está.

Em dita tão pura  
Minh'alma exultava,  
E quanto alcançava  
Sabia explicar;  
Que, além de dar crença  
A tudo que ouvia,  
Por certa magia,  
As cousas que via,  
Sentia falar.

Se às vezes tentava  
Brincar com as flores,  
Revedo os labores  
De um vasto jardim,  
A brisa me dava,  
No trânsito leve,  
Um cântico breve,  
Escrito na neve  
De um casto jasmim.

Fugaz borboleta  
Nas asas de ouro  
Imenso tesouro  
Deixava-me ver;  
E, qual um avaro,  
Sedento, inquieto,  
Com ardido afeto  
Atrás do inseto  
Me punha a correr.

Qual boca de ninfa  
Há pouco desperta,  
Se rosa entreaberta

Prendia louçã,  
Segredos da infância  
A flor me contava,  
Q'eu só escutava,  
E, rindo, exclamava: —  
Tu és minha irmã!...

À vista do oceano,  
Imenso, ruidoso,  
Que quadro assombroso  
Fez meu ideal!...  
Em êxtase, longo  
Vi nele espantado,  
Rugindo deitado,  
Um monstro azulado  
D'enorme cristal.

Em crua e constante,  
Horrísona guerra,  
In'migo da terra,  
Pintou-se-me o mar —  
Que fero co'as ondas  
Na praia batia,  
E aflito bramia,  
Porque não podia  
A praia arredar.

Na concha celeste  
Se os olhos fitava,  
Lá novos achava  
Encantos também;  
Nos astros eu via  
De anjinhos um bando,  
Que, o corpo ocultando,  
Me estavam olhando  
De um mundo de além.

Eu via na lua  
A casa encantada,  
De luz prateada  
Fugindo no ar;  
Asilo somente  
Da fada querida,  
Que vinha escondida  
A gente nascida  
De noite embalar.

O sol eu amava  
Da tarde na hora;  
Amava-o d'aurora  
No fresco arrebol.  
E quando a tais horas  
No mar se escondia,  
P'ra ele me ria,  
Julgando que via  
Adeuses do sol.

### III

Mas esse tempo de encantos,  
Que nunca julguei ter fim,  
Não é hoje para mim  
Mais que morta e seca flor!...  
Do gênio mau completou-se  
A primeira profecia:  
Era o que o Gênio dizia  
No seu riso mofador.

A natureza calou-se  
Desde que o Gênio me viu;  
Minha alma inteira sentiu  
Repentina mutação,  
Dei por mim em terra estranha;  
Tive novos pensamentos;  
Tive novos sentimentos;  
Criei novo coração.

Visão do Céu... não — da terra;  
Não podia ser do Céu;  
Que Deus no domínio seu  
Falsos arcanjos não quer;  
Visão, que da natureza  
Toda a graça revestia,  
Por desdita vi um dia  
Num semblante de mulher.

Tinha a visão tal encanto,  
Que, ao vê-la, absorto fiquei;  
Tanto, que não escutei  
O profundo soluçar  
Da inocência, que, sentindo  
Da paixão a ardente calma,  
Abraçada com minh'alma  
Se despedia a chorar.

Vida de louco passei;  
Mas achei nessa loucura  
Tanto bem — tanta ventura,  
Quais nunca a razão me deu;  
Que, se a razão da verdade  
Tem os claros resplendores, —  
Amor o reino das flores  
Tem todo inteiro por seu.

E a esta senda estrepada,  
Que à morte os seres conduz,  
O que lhe importa uma luz,  
Se a não tapiza uma flor?  
E se amor, além de flores,  
Também possui um clarão,  
Antes amor sem razão,  
Do que razão sem amor.

Mas foi-se o tempo de risos  
Da minha feliz loucura!...  
Libei o fel da amargura  
No mel de um beijo traidor!...  
Do Gênio mau completou-se  
A segunda profecia:  
Era o que o Gênio dizia  
No seu riso mofador.

Dessa profunda chaga resta ainda  
Dorida cicatriz: a mão do tempo  
Talvez cure-a por fim; mas não tão cedo,  
Que inda verte de si pútrido sangue,  
Se a magoam cruéis reminiscências  
De quadra tão feliz.

#### IV

Outro fantasma, a glória,  
Da passada visão invade o posto.

Pelos mares risonhos da esperança  
Ao batel do desejo abrindo as velas  
Minh'alma foi buscá-lo.  
De pintor bem falaz condão tem ele  
Muito para temer; do entusiasmo  
Nas lavas do vulcão acende o facho,  
Que os desenhos lhe aclara: esposa amante,  
Dá-lhe, a imaginação, seus cofres todos,  
Donde tira estampas que copia  
Nas telas do futuro. De seus quadros  
Na beleza enlevada a viajante  
Navega sem sentir.

#### Eis ponto negro

No azulado horizonte surge, e estende  
Asas de tempestade! Às vistas magas  
Reposteiro de ferro mão ignota  
Rápido corre, e presto em lastro imenso  
De aguçados cachopos se convertem  
As aniladas ondas. Rola o lenho  
Por sobre o pedregal, e mastro e leme,  
Enrolados na vela espedaçada,  
O sopro de um tufão some nos ares!  
Rompendo a cerração espectro em osso  
De repente aparece, sacudindo  
Na destra uma mortalha: envolto nela  
Desceu meu pai à campa!...

#### Musa, basta...

Pare-se um pouco aqui; nas tuas asas,  
Que não neste papel, corra meu pranto...  
Apara-o, anjo meu; depois os mares  
Transpõe... o lar dos mortos não te assusta —  
Não é assim? Pois bem, irmã querida,

Na terra — nossa mãe — suspende os vãos;  
Busca a sombria região dos túmulos,  
E lá, depois de um beijo dar na campa  
De nosso amado pai, depõe sobre ela  
Este pranto que verto.

Enfim bonança

Ímpia resplandeceu sobre os destroços  
Que fez o vendaval. Único vivo,  
Em pé sobre um rochedo, contemplei-os  
E ri-me... e neste riso agonizou-me  
A última esperança... foi a síntese  
De minha vida inteira; — estreita fresta  
Por onde, desmaiada e quase morta,  
Minh'alma um raio morno  
De prazer sepulcral mandava ao mundo.

E o Gênio, que viu meu berço,  
Dentre os cachopos surgiu,  
E olhando os estragos riu,  
Contente de minha dor.  
Do Gênio estava completa  
Toda inteira a profecia:  
Era o que o Gênio dizia  
No seu riso mofador.

## V

E desde então existo, mas não vivo;  
Só tenho sentimento  
Nesse elo fatal por onde a vida  
Se prende ao sofrimento.

Vi na infância relâmpago afogado  
Em negra escuridão;  
De amor nas breves ditas vil mentira,  
Na glória uma ilusão.

Eis porquê, dos prazeres desquitado,  
O rosto em pranto inundo;  
Tudo odeio, e pareço desposado  
Com seres doutro mundo.

E na verdade o estou: pena minh'alma  
Nas sombras da amargura...  
Homens! fugi de mim; não vos pertenço —  
Sou outra criatura.

## O GÊNIO E A MORTE

### I

Sobre as asas de fogo  
Da águia ardente que no espaço voa,  
Saudado pelo cântico das aves,  
De flores perfumado,



Entre nuvens de púrpura — risonho  
Nos céus assoma o dia.  
O exército dos astros afugentam  
Seus coruscantes raios;  
E passeia garboso pelo espaço,  
Como triunfador pela campina,  
Donde expulsara as hostes inimigas.  
Lá no meio da arena do triunfo,  
Como um olho de Deus devassa o mundo:  
As plantas que a manhã de vida enchera,  
Com seu intenso ardor, bárbaro cresta —  
Qual jovem indiscreto, em loucos dias  
De vulcânica idade,  
No coração desseca, mata, extingue  
Sentimentos que a infância alimentara...  
Da glória ao grau supremo  
Subiste, ó rei; humilha-te — vassalo  
Também és do Senhor — descer te cumpre.  
Ei-lo que abdicou — Já vai tardio  
Pela estrada do ocaso, e já tristonha  
Lhe escorre pelo rosto a luz enferma!  
Sobre leito de chumbo se reclina, —  
E, no momento extremo,  
Seus olhos chamejantes  
Extremo olhar saudoso à terra volvem.  
Último arranco!... Cai desfalecido  
Nos braços do crepúsculo.  
Morreu o dia; — e a noite piedosa  
Em seu manto de dó lhe envolve o túmulo.

## II

Que é feito, ó Primavera,  
Das frescas odoríferas grinaldas  
Que a fronte te adornavam?  
Murchas caíram; jazem esmagadas  
Aos pés de gelo do caduco inverno!  
Os pomos sazonados,  
Que pendiam das árvores frondosas,  
Orgulho e pompa dos alegres prados,  
Ei-los dispersos pelo chão molhado  
Do pranto que em tristeza o céu derrama,  
Ao ver-lhe a fronte merencória e pálida,  
Debruçada do cume das montanhas,  
Com lágrimas saudar do sol os raios,  
Qual mísero vivente, a quem torturam  
As galas da alegria.  
Beijada pelos zéfiros — c'roada  
De viçosas capelas, — pelos bosques,  
Jardins, e prados, e alcantis dos montes,  
Eu a vi passear; — vi toda a terra  
De flores se cobrir, trajar verduras,  
Ao toque de seus passos;  
Vi... mas mudou-se da estação ridente  
O quadro encantador; — e já bramidos  
Dos desatados temporais proclamam —  
Que é morta a Primavera.

### III

Morrem as estações, morrem os tempos!  
Morrem os dias, como as noites morrem:  
    Também acaba o homem —  
E o Anjo do extermínio, desdenhoso,  
Encara estultas pompas, que distinguem  
O servo do senhor, o rei dos povos;  
E fazendo correr-lhes pelas fronteiras  
A rasoura da morte, traça o nível.  
    Que cabe aos homens todos.  
    Tudo no mundo expira:  
Só sobranceiro à lousa o Gênio altivo  
Nos vôos acompanha a eternidade!  
Soberbo em seu poder persegue a morte,  
    E consegue vencê-la,  
    Mil vítimas lhe arranca,  
E da imortalidade nos altares  
    As mostra coroadas.  
    Em vão do manto esqualido  
A bárbara sacode o voraz verme  
    No cadáver do sábio;  
    Lá desce o Gênio intrépido,  
Em vão as frias cinzas lhe arremessa  
    Nos abismos do olvido;  
E, ao lume da lanterna da memória,  
Ajunta as cinzas, sopra o fogo santo  
    Da santa poesia,  
O sábio ressuscita e pasma o mundo!

### IV

    Beleza, doce engano,  
Mimo, que o tempo deu, que o tempo acaba;  
Encantadora nuvem, mas efêmera,  
Que da cor do pudor n'os céus vagueia,  
Qual suspiro de amor que aos céus se eleva;  
Beijada pelo sol, tímida aurora,  
Também fenecerás! Trevas do túmulo  
    Aos lumes da existência  
    Sucederão funéreas;  
Serão consócios teus mudo silêncio,  
Sombras, escuridão, vermes, e terra.  
Lestes, belas? Tremeis? Magos encantos  
Baceia a mão do tempo, arrasa a campa:  
Porém do Gênio à voz — curva-se o tempo:  
Quebra o sepulcro a laje aos pés do Gênio.  
Não!... de todo não morre uma beleza  
    De um Gênio idolatrada;  
Que a luz brilhante, que lhe anima os carmes  
O luzento fanal, que o ilumina  
    Nas borrascas da vida,  
    Jamais, jamais se apaga.

## V

Cidades destruídas,  
Impérios derrocados,  
Oh! quantas, quantas vezes  
O Gênio, qual brandão, vos esclarece  
As pálidas ruínas,  
Lê nelas vossa glória, e vos confia  
As trombetas da fama!...  
Se foge a tempestade,  
Se as estações revivem,  
Se as noites reproduzem novos dias,  
E os dias novas noites,  
Servos obedecendo à voz do Eterno,  
Mensageiro do Eterno o Gênio exerce  
Igual poder na terra!... A Natureza,  
No meio das procelas,  
Se a voz lhe escuta, abandonando as fúrias,  
Dissipando de um sopro atroz horrores,  
Surge risonha, como à voz divina,  
Saiu do caos informe, — encantadora,  
Toda nua, trazendo por adornos  
Nos seios o Verão, nas mãos o Outono:  
Nos cabelos prendendo a Primavera,  
Por chapim de cristal calçando o Inverno.  
Do Gênio ouvindo o canto,  
Remoçam-se as idades,  
Os mortos dos sepulcros se levantam,  
E vivem nova vida  
Dos homens na memória.

## VI

Ó Anjo das ruínas,  
Voa ao teu reino, que é tarefa inútil  
Extinguir o que é belo no universo,  
Enquanto o lume santo  
D'inspiração celeste  
Mentes iluminar predestinadas.  
Aos sons miraculosos  
D'harpa do Gênio ressurgindo ovantes  
O saber, a virtude,  
Meigos encantos de gentil beleza,  
Hão de zombar de ti — quebrar-te o sólio,  
Calcar-te aos pés a frente.

## VII

Como o gemer de vaga, que se quebra  
No sopé do rochedo;  
Como ribombo de trovão, que rola  
Pelos longes do espaço,  
Ou eco de clarim perdido em ermos,  
Do Gênio a voz ecoa no infinito,  
E, por ela acordada,

O semblante solene  
Ergue para saudá-lo a Eternidade,  
Lá soa o bronze, solfejando a nota  
Da alpercata da morte sobre as campas.  
O sol está no ocaso!!!  
O Gênio ansioso espera  
O sinal de seu vôo ao Ser Supremo.  
Vede-lhe o pensamento: — é uma lira,  
Donde os dedos da Fé extraem destros  
Melífluos sons divinos —  
São os salmos do gênio agonizante:  
E a última das notas é sua alma,  
Que se perde no céu! — De lá, ó morte,  
Sorrindo a teu poder te desafia  
Pelo raio divino armada a destra,  
Dos céus abroquelado;  
Enquanto cá na terra,  
Sarcasmo a teu poder, seu nome troa,  
Como um brado de glória, enchendo o mundo

### NO ÁLBUM DUMA SENHORA

Meu nome aqui deixara solitário  
Escrito nessa cor;  
Com que desde nascido as faixas d'alma  
Tingiu-me o dissabor;

Meu nome aqui deixara solitário  
Em traço negro incerto,  
Qual friso do buril da desventura  
Em claro plano aberto;

A não temer que alguém, que não soubesse  
O que este nome diz,  
Ao vê-lo neste livro me insultasse  
Chamando-me feliz.

Saiba, pois, quem o ler, que de uma Virgem  
No livro afortunado  
Seu nome escuro, como seu destino,  
Escreve um desgraçado!

Sobre ele verta a Virgem uma lágrima  
Do seu pranto celeste,  
Que talvez se desbotem os negrumes  
Do luto que o reveste.

Sim, ó Virgem, do pranto de teus olhos,  
Concede, sim, concede  
Uma lágrima triste ao pobre nome  
Que lágrimas só pede!

De teus olhos quisera uma centelha  
Um peito do vulcão;  
Ao contrário, porém, só pede pranto  
Um morto coração!

O sol ilumina, a gala ofende  
Ao solo mortuário:  
Só sobressaem os cristais do pranto  
Dos mortos no sudário.

Eia, pois, cair deixa neste nome  
O teu pranto celeste;  
Que talvez se desbotem os negrumes  
Do luto que o reveste.

## ESTRAGOS DE AMOR

### I

Miseráveis insensatos,  
Escravos da formosura,  
Curvados a seu aceno,  
Buscais vida no veneno  
Que vos leva à sepultura!

### II

Nos seus braços reclinados,  
Beijando em ternos carinhos  
Divinas faces mimosas,  
Libais o néctar das rosas  
Sem reparar nos espinhos!

### III

“Oh! loucos, vede a verdade,  
“Conhececi essa ilusão,  
“Por que viveis seduzidos?”  
Embalde contra os sentidos  
Aflita brada a razão!...

### IV

Nada alcança: tudo cede  
Ao amoroso desmaio: —  
Lumiando o par gentil,  
Brilha amor como um fuzil,  
Mas ao fuzil segue o raio.

### V

Lá do monte da esperança  
Cresta o fogo as verdes fraldas;  
E de quanto possuía  
Só conserva a fantasia  
Secas, dispersas grinaldas.

### VI

Suspeitas, tiranias serpes,  
Nos peitos cravando os dentes,

Com seu sangue se alimentam;  
Das chagas chamas rebentam,  
Das chamas novas serpentes.

## VII

Em furor e desespero  
Começa o triste a chorar,  
Vendo a estrada que seguiu;  
Morde o laço em que caiu,  
Mas não pode-o desatar!...

## VIII

A razão, para vingar-se,  
Mais aumenta o seu flagício,  
Com semblante inexorável,  
Muda, surda, imperturbável,  
Assistindo ao sacrifício.

## IX

Tudo é dor, tudo agonia,  
E queixumes contra o fado;  
Suspiros e pranto ardente,  
Desespero no presente,  
Saudades pelo passado!...

## X

Té que vai desabrochando,  
Pelo pranto d'aflição  
Regada continuamente,  
Do desengano a semente  
Nas cinzas do coração.

## XI

Ergue a planta a fronte altiva,  
Mas de tristonha aparência;  
Folhas, tronco, é toda luto;  
Tem mirrado raro fruto;  
Esse fruto — é a experiência. —

## XII

Das ruínas levantado,  
Vê-se o espírito surgir;  
Vem com passo fátigado,  
Como guerreiro cansado,  
À sua sombra dormir.

## XIII

Presto acorda, e então, cedendo  
Da fome aos cruéis assomos,  
Alguns ramos segurando,

Vai colhendo, e vai tragando  
Os amargos negros pomos.

**XIV**

Comeu, ergueu-se, é já outro!  
Foi-se do rosto a meiguice!  
Do tronco um ramo quebrado  
Serve ao triste de cajado —  
Eis a imagem da velhice.

**XV**

Está tudo terminado!  
Está completa a sentença!  
Aos fogos sucedem gelos,  
Que anunciam nos cabelos  
A idade da indiferença!

**XVI**

Lá vai o velho mesquinho,  
Lá vai desacompanhado,  
O caminho da existência,  
Nutrido pela exp'riência,  
Ao desengano arrimado.

**XVII**

Só seus pés tocam a terra,  
Os olhos do céu na luz,  
Entregue a culto profundo,  
Lá vai, fugindo do mundo,  
Cair nos braços da Cruz.

**XVIII**

Lá expira... mas dizei-lhe —  
Amor! Vereis num transporte  
Como seus olhos cintilam,  
Como a um tempo se aniquilam  
Todas as forças da morte!!...

**XIX**

É que amor inexorável  
Nos seus planos iracundos,  
Se os mortais torna cativos,  
Nem minora o mal dos vivos,  
Nem respeita os moribundos.

**XX**

Restaura as forças da vida,  
Não nos consente morrer;  
Porque lá nas sepulturas  
Seus tormentos e torturas

Não se pode padecer.

## XXI

Envenenados farpões  
Nos manda em suspiros ternos;  
Cinge aos olhos mago véu,  
E pelos jardins do céu  
Nos encaminha ao inferno.

## XXII

Fugi, humanos!... fugi  
De seu veneno traidor!  
Sem culto, desamparados,  
Sumam-se, ao tempo votados,  
Altars, templos de Amor...

## A MINHA RESOLUÇÃO

O que fazes, ó minh'alma!  
Coração, por que te agitas?  
Coração, por que palpitas?  
Por que palpitas em vão?  
Se aquele que tanto adoras  
Te despreza, como ingrato,  
Coração, sê mais sensato,  
Busca outro coração!

Corre o ribeiro suave  
Pela terra brandamente,  
Se o plano condescendente  
Dele se deixa regar;  
Mas, se encontra algum tropeço  
Que o leve curso lhe prive,  
Busca logo outro declive,  
Vai correr noutro lugar.

Segue o exemplo das águas,  
Coração, por que te agitas?  
Coração, por que palpitas?  
Por que palpitas em vão?  
Se aquele que tanto adoras  
Te despreza, como ingrato,  
Coração, sê mais sensato,  
Busca outro coração!

Nasce a planta, a planta cresce,  
Vai contente vegetando,  
Só por onde vai achando  
Terra própria a seu viver;  
Mas, se acaso a terra estéril  
Às raízes lhe é veneno,  
Ela vai noutro terreno  
As raízes esconder.



Segue o exemplo da planta,  
Coração, por que te agitas?  
Coração, por que palpitas?  
Por que palpitas em vão?  
Se aquele que tanto adoras  
Te despreza, como ingrato,  
Coração, sê mais sensato,  
Busca outro coração!

Saiba a ingrata que punir  
Também sei tamanho agravo:  
Se me trata como escravo,  
Mostrarei que sou senhor;  
Como as águas, como a planta,  
Fugirei dessa homicida;  
Quero dar a um'alma fida  
Minha vida e meu amor.

### A LINGUAGEM DOS TRISTES

Se houver um ente, que sorvido tenha  
Gota a gota o veneno da amargura;  
Que nem nos horizontes da esperança  
Veja raiar-lhe um dia de ventura;

Se houver um ente, que, dos homens certo,  
Neles espere certa a falsidade;  
Que veja um laço vil num rir de amores,  
Uma traição nos mimos da amizade;

Se houver um ente, que, votado às dores,  
Todo com a tristeza desposado,  
De cruéis desenganos só nutrido,  
Somente males a esperar do fado;

Que venha, acompanhar-me na agonia,  
Qu'esta minh'alma, sem cessar, traspassa!  
Venha, qu'há muito luto, a ver se encontro  
Quem sinta, como eu, tanta desgraça

Venha, sim, que talvez por nosso trato  
Uma nova linguagem seja urdida,  
Em que possam falar-se os desgraçados,  
Que do mundo não seja traduzida.

Por lei inexorável do destino,  
Quem gemer à desgraça condenado,  
Inda lidando no lidar do mundo,  
Há de viver do mundo desterrado.

E em que desterro! Os outros só nos tiram  
Os olhos do lugar do nascimento;  
A desgraça, porém, do mundo inteiro  
Desterra o coração e o pensamento.

Ao menos a linguagem deste exílio

Mais suportável torne a vida crua;  
Tenha ao menos a terra da desgraça  
Uma linguagem propriamente sua.

E quem tê-la melhor? Por mais que fale  
O sedutor prazer em frase ardente,  
Por mais que se perfume e se florei,  
Nunca é, como a dor, tão eloqüente.

Nos fenômenos d'alma o corpo sempre  
Do seu modo de obrar diversifica:  
Pelas quebras da orgânica fraqueza  
A força esp'ritual se multiplica.

Quando, livre, o esp'rito aos céus remonta,  
Da Eternidade demandando o norte,  
Toda força primeva recobrando —  
Tomba a matéria, e cai nas mãos da morte!

Quando o gás do prazer dilata o seio,  
A força do sentir dormente acalma;  
Quando a pressa da dor o seio aperta,  
A força do sentir se expande n'alma.

Assim novas palavras, novas frases,  
Nova linguagem, pede o sofrimento;  
Porque dobra o sentir, e duplas asas  
P'ra vôos duplos colhe o pensamento:

Não, não pode em seus termos quase inertes,  
Esse falar comum de cada dia,  
Deste duplo sentir, d'idéias duplas,  
Expressar fielmente a valentia.

Enganai-vos, ditosos! Vossas falas,  
Anos que falem, nunca dizem tanto,  
Quanto num só momento dizer pode  
Um suspiro, um soluço, um ai, um pranto.

Eia, pois, tristes! eia!... desde agora  
Uma nova linguagem seja urdida,  
Em que possam falar-se os desgraçados,  
Que do mundo não seja traduzida.

Veja o mundo, de gozos egoísta,  
Qu'os tristes nada têm de suas lavras:  
Que, orgulhosos na pátria da desdita,  
Nem dos ditosos querem as palavras.

## A JOSÉ PEDREIRA FRANÇA<sup>1</sup>

### I

---

<sup>1</sup> Oferecido ao amigo José Pedreira França por ocasião do seu aniversário.

Um dia natalício em quantas faces  
Se pode desenhar!  
Que cenas de prazer e de pesares  
Nos pode retratar!

Anel d'oiro, ou de ferro, anel d'estala,  
Na cadeia da vida;  
Marco de légua pela morte ganha,  
E para nós perdida.

Origem de uma fonte que começa  
Onde outra terminou;  
Berço de um tempo, mas também sepulcro  
De um tempo que passou!

Porém por que razão sempre festivo  
Se mostra o rosto seu? —  
Porque o ano que nasce esquecer deixa  
O ano que morreu:

Porque enquanto na estrada da existência  
A humanidade avança,  
Deixa sempre olvidar os desenganos  
Co'os olhos na esperança.

Mas o tempo, que corre desta sorte  
P'ra todos os humanos,  
Oh! Pedreira feliz! — mudou de aspecto  
No curso de teus anos.

O tempo, que se passa inertemente,  
Tem vida transitória;  
Mas o tempo contado por virtudes  
Tem sempre eterna glória.

Não serão pois cobertos os teus anos  
Do olvido pelo véu:  
Quando morram na mente dos ingratos,  
Com Deus serão no céu.

Não tens áureos brasões por hábil destra  
Com arte burilados;  
Não cinges toga ilustre, nem tens nome  
No rol dos purpurados;

Porém, sem as virtudes qu'em tu'alma  
Existem engastadas,  
São títulos, brasões, fama, riquezas,  
Misérias enfeitadas.

São flores sem aroma, e cujo viço  
Efêmero não dura;  
Fosfóricos fanais, que a sorte acende,  
E apaga a sepultura.

Que sempre encares com igual semblante  
O Céu — e o Céu propício

Não deixe a menor nuvem de desgosto  
Turvar teu natalício —

Tais são os votos meus, nunca inspirados  
Por vil adulação;  
Quando minh'alma os escreveu, a pena  
Molhou no coração.

Tais são os votos meus na voz expressos,  
De frouxa poesia,  
Que verte a lira pouco acostumada  
Aos hinos d'alegria;

Filha de um estro fraco e perseguido  
Por fado sem piedade,  
Vagando peregrino em terra estranha  
Nos ermos da saudade.

## II

Mas inda que a sorte  
Um estro me desse,  
Que aos astros pudesse  
Teu nome elevar;  
Enquanto vir triste  
Com dores pungentes  
A pátria em correntes,  
Não posso cantar.

Não posso cantar;  
Enquanto vir bravos  
Rojar como escravos  
Infame grilhão:  
Curvando a sicários  
A fronte sublime!  
Submissos, sem crime,  
Pedindo perdão!

Não posso cantar,  
Enquanto um malvado  
Poder infamado,  
Audaz, sem pudor,  
Com seu bafo infecta  
Brasília horizonte,  
Trazendo na frente  
— Prevaricador —;

Enquanto essa gente,  
Tão ímpia e tão vil,  
Meu caro Brasil  
Puder governar;  
Co'a pátria inundada  
De luto e de pranto,  
Não posso ter canto,  
Não posso cantar.

Porém se algum dia

O fero domínio  
Do ímpio extermínio  
Tiver de morrer;  
Se o povo, esquecido  
De loucos enganos,  
Um dia os tiranos  
Quiser abater;

Se um dia, cansada  
De tanta maldade,  
Soltar Liberdade  
Seus raios da mão,  
E os ceptros pesados  
Dos reis fermentados,  
Por eles fundidos,  
Rolarem no chão:

E as nossas campinas  
E prados virentes,  
E os céus de contentes,  
Trajados de azul.  
Ouvirem os hinos  
Da livre corte  
Da parte do Norte,  
Da parte do Sul;

E os grandes Andradas,  
Canecas, Machados  
E mais nomeados  
Por alto valor,  
De lá do Empíreo  
Tais cantos ouvindo,  
Saudarem, se rindo,  
Seu povo senhor;

Então minha lira,  
Coberta de flores,  
Já livre, louvores  
Podendo entoar,  
Aos doces encantos  
Da quadra formosa  
Virá sonora  
Teus anos cantar.

**EPICÉDIO**  
**À MORTE DO DR. JOSÉ DE ASSIS ALVES BRANCO MUNIZ<sup>2</sup>**

**I**

Morreu, enfim, morreu! Aquele Gênio,  
Para quem pareceu pequeno o mundo,  
Por milagre da Morte limitou-se  
A um pedaço de terra! Ali com ele  
Ricos tesouros de um futuro imenso,

---

<sup>2</sup> Poesia oferecida a Luís Maria Muniz Barreto em decorrência da morte de José de Assis Alves Branco Muniz Barreto.

De mil triunfos avultadas palmas,  
De glória mil coroas, tudo encerra,  
Aquele estreito chão no seio estreito!  
São um mistério as dimensões de um tum'lo!  
Morreu! aquela mágica trombeta,  
Que, das leis em defesa trovejando,  
Fez tremer e tingiu da cor do medo  
De protervos mandões soberbas fronte,  
Jaz por terra calada! Aquela boca,  
Que em turbilhões sonoros de eloquência  
Raios vibrava, gélida mordança  
Para sempre fechou! O caudal rio,  
Que no curso afanoso prometia  
Tanta fertilidade ao pátrio solo,  
Seca total sorveu! Por que, ó Pátria,  
Não pôde o pranto teu de novo enchê-lo?  
Por que não pôde fêrvido caindo  
Sobre a fatal mordança derretê-la,  
E de novo acordar da tuba as vozes?  
As entranhas da morte são de pedra;  
Coração jamais teve a hidra ímpia;  
Carnes humanas come, bebe lágrimas;  
Só respira suspiros dolorosos  
E ais agonizantes; comovê-la  
Não pode a tua dor aflita, Pátria!  
Hás de vê-la dormindo aos ecos dela,  
E o mostro rir-se de prazer cruento  
Ao ver o pranto teu banhar-lhe o sólio.  
Mas não te desesperes, Mãe querida,  
Há nos cofres da dor certos segredos  
Que os míseros só sabem. São amigos,  
Amigos bem fiéis da mágoa os filhos.  
Um gemido consola outro gemido,  
Uma lágrima outra. Desde o berço  
Para eterno chorar n'alma cavou-me  
Da desgraça o punhal fontes de pranto,  
Que de Assis pela morte transbordaram.  
Pátria! seremos sócios na amargura!  
Baga com baga juntas, nossas lágrimas —  
Cristalina torrente de saudades —  
Unidas regarão do Herói a campa.

### III

Fatal pressentimento deste golpe  
Três vezes tive; adivinhei três vezes  
Do sábio moço a prematura morte!

### IV

Eu o vi inda imberbe num combate  
Desses em que são almas — combatentes,  
E a intel'gência — espada: os sacros foros  
Da ciência da vida defendia,  
Dando vida à ciência. Extasiado,  
Qual uma ave rasteira, que contempla  
Condor gigante, que nos vãos roça

No semblante do sol soberbas asas,  
Bebi-lhe os rasgos da atrevida mente;  
E concentrado em mim, disse comigo: —  
*Não pode viver muito!*

## V

Correm tempos:  
Para o campo da imprensa denodado  
Se arroja o lidador. D'entusiasmo  
Aceso e de prazer, banhei minh'alma  
Na luz dos seus escritos. Cada linha  
Que deles lia atento me mostrava  
Uma estrada de glória ao novo Gênio!  
Cada palavra sua era uma pegada  
Do progresso a correr, e cada sílaba  
De patriotismo ardente uma centelha  
Que do saber ao sopro cintilava.  
Vi-o, e pasmei de o ver, assim tão jovem;  
E, concentrado em mim, disse comigo: —  
*Não pode viver muito!*

## VI

Na Tribuna,  
Prometendo um Demóstenes futuro,  
O jovem aparece; e vi o povo  
Imenso, pasmo, imóvel, todo ouvidos  
A vê-lo combater, e Paladinos  
Formidáveis caindo aos golpes dele!  
Vi sobr'ele lançando olhares torvos,  
Trêmulos d'ira, os Áulicos ralarem-se,  
Quando um sarcasmo seu rápido e fino,  
Voando num motejo improvisado  
De leve sulco de um sorriso irônico  
Nos corações de orgulho intumescidos  
Lhes mastigava as fibras da vaidade.  
Vi, e vi muitas vezes, confundidos  
Ante o moço orador os Mandatários  
Do despotismo, quando pretendiam  
Seus golpes rebater, presas as línguas,  
Disparatado o curso das idéias,  
Perderem-se de todo, e dar-lhe humildes  
O vergonhoso culto do silêncio.  
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão jovem;  
E, concentrado em mim, disse comigo: —  
*Não pode viver muito!*

## VII

Um quê bem certo  
Para tanto dizer razão me dava.  
Todo o sublime para o Céu deriva:  
Era muito pequeno um crânio humano  
Para tal pensamento. De seus vãos  
Ao forte embate, as molas da matéria  
Estalam cedo, quando o gênio é grande.

## VIII

A fatal profecia está completa!  
O prisma, que três faces tão brilhantes  
Ao sol do novo mundo apresentava,  
Despedaçado está, ou refletindo  
Cores da eternidade à luz das campas!

## IX

Morreu!... porém na hora derradeira  
Inda resplandeceu! O homem justo,  
Entre as vascas do eterno passamento,  
Em ânsias e fadigas se atribula,  
Mas no momento de deixar a terra,  
Para voar a Deus, forças recobra,  
E como astro da fé no céu da morte,  
Qual em vida luziu, luzindo acaba.  
E como a luz, que triste bruxuleia  
Prestes a se apagar, mas no lampejo  
Da convulsão final aviva o lume,  
E com dobrado esplendor expira.  
É como o sol no ocaso enlanguescido,  
Que desmaiado arqueja agonizante  
Do mar nas ondas apagando os raios,  
Mas que altivo e zeloso de seus foros,  
P'ra morrer como sol, antes que morra

Com duplicada luz alaga o mundo.  
Assis assim morreu. Na ânsia extrema  
Da mortal agonia, toda inteira  
Su'alma concentrada num só ponto  
Para da carne disparar seu vôo,  
Luz celeste expandiu; ao clarão dela  
O mundo apareceu-lhe como um doudo  
Enfeitado, brincando co'as alfaias;  
Sorriu-se, desprezou-o, e seu desprezo  
Todo se traduziu nessa sentença,  
Com que sábio fechou, morrendo sábio,  
O livro d'ouro da existência sua.

## X

O amor paternal, da esposa o pranto  
Também dos olhos pranto lhe arrancaram...  
Mas nunca tocar pôde o desespero,  
De leve nem sequer, naquele peito  
Ungido em fé cristã. Da Providência  
Viu as mãos postas sobre as frentes de ambos —  
E creu e resignou-se.

## XI

Esses fantasmas  
Tristes, negros, medonhos, vaporosos,  
Que na hora final o ímpio cercam,



Sôfregos, como abutres esfaimados  
Farejando-lhe o leite, dele  
Nem ousaram fitar; visões celestes  
Nas madornas da morte o embalavam.

## XII

Quebradas as cadeias que a prendiam,  
Livre, das penas sacudiu o barro,  
E em leve adejo penetrou sua alma  
As áureas portas da cidade eterna  
Entre aplausos risonha; e o seu arcanjo,  
Ao dar conta ao Senhor da missão alta  
De a guardar sobre a terra, as níveas asas  
Mostrou tão limpas, quais do céu trouxera.

## XIII

Chora, ó pátria, lamenta a infausta perda;  
Mas consola-te ao menos com lembrar-te  
Que teu filho desceu sem mancha ao túmulo.  
Morreu!... mas grande foi. Da liberdade  
Filho amante nasceu; dela soldado,  
Morreu firme em seu posto. Da ciência  
Candidato fiel, morreu filósofo.  
Era uma planta de primor nascida  
Em campo estéril, pedregoso e imundo;  
Mas tão cheia de vida, qu'inda nova  
E em terreno tão mau, brotava aos centos  
Do tronco verde vigorosos ramos;  
Ramos cobertos de formosas flores,  
E curvados de frutos. Encantado,  
De a ver assim tão bela, o Rei Celeste,  
Antes que envenenada percesse  
No solo ingrato, transplantou-a em breve  
Para os pomares seus.

## XIV

Pátria, teu choro,  
Merecem, mais que o morto, os filhos vivos.  
Ai! tristes dessas plantas que ficaram  
No campo estéril, pedregoso e imundo!  
Pela má região contaminados,  
Raça degenerada os dias contam  
Por ampulhetas grávidas de crimes.  
Começa a punição. Esse do Egito  
Anjo exterminador está conosco;  
Cada dia, um a um, nos vai ceifando  
Da liberdade os filhos primogênitos.  
Assim a espada da justiça eterna  
Invisível nos fere, inopinada:  
Assim os tetos da cidade ímpia,  
Do Senhor pela ira arremessado,  
Sem fuzil nem trovão, mudo, imprevisto,  
O raio punidor fulmina e abate.

### **SOBRE O TÚMULO DO MARECHAL LABATUT**

#### I

Eis as cenas do mundo! A mesma liça  
Que o viu pela vitória laureado,  
Donde nos brados dos canhões acesos  
Da glória aos penetrais mandou seu nome,  
Veio (Grandes ouvi!) pedir, mendigo,  
Uma esmola de terra!!

#### II

E quem o fez mendigo, sepultura  
Estrangeira buscar!? Não cerra França  
Aos mortos filhos seus braços maternos!  
Mas não é outra a pátria do soldado  
Que o campo do triunfo, e esta terra  
Barateou seu sangue p'ra comprá-la.

#### III

Foi ele neste campo o mestre e o guia  
De uma raça de heróis em cujas veias  
Fervia com o sangue o amor da Pátria!  
Aqui, por sobre as frentes inimigas  
Passando como um raio

Que ao mesmo tempo espalha luz e morte,  
Os servos fulminando,  
Sua espada de bravo a um bravo povo  
Aqui viu esse povo  
Decidido no empenho de ganhá-la,  
Como um leão bramindo engolir chamas,  
E vomitar na frente do tirano

Que tentava enfreá-lo!  
Aqui o viu c'roado  
De cívicas verbenas  
Com as cadeias fundidas

No fogo do combate  
O crânio esmigalhar do despotismo:  
E a horda escrava que servia o monstro  
Fugitiva a correr, lançar-se às ondas,  
Ou cair tropeçando nas espadas.  
Sentado em sua tenda de guerreiro  
Aqui nos braços recebeu do amigo

Os parabéns alegres,  
Que rindo repartiu com seus soldados,  
E descansou, dormindo aos sons festivos  
Dos hinos marciais, que aos Céus levavam  
Entre vivas seu nome. Aqui... Não, cinzas,  
Aqui, perante os netos generosos  
Que gratos hoje vêm dar-vos seus cultos,  
Da traição dos avós não falaremos.  
Do cristão sobre a campa a caridade  
Com letras imortais perdão escreve: —  
Perdão para os ingratos!!!

#### IV

Neste campo,  
Em que se lhe marcou n'um ponto misto  
Seu ocaso e nascente, resumiu-se  
A sua vida inteira. Mais que a França  
Foste-lhe Pirajá: a França apenas  
Deu-lhe a luz da existência, e tu lhe deste  
A imortalidade!

#### V

E sempre grato  
Te foi o teu herói. Nas densas trevas  
Da imensa eternidade, porta incerta  
Da morte tateando, não perdia  
De vista o Pirajá. “Amados campos  
“Do meu melhor passado”, soluçando  
Com voz fraca exclamou, “solo onde as palmas  
“Colhi, que tão sedento cobiçava  
“Nos meus sonhos de glória, lá deixei-vos  
“A minha alma plantada! Ah! quem me dera,  
“Quando ele se partir, que mão amiga

“Lá plante o meu cadáver!”  
Felizmente esta prece foi gravada  
Num coração de ouro. Quem é ele?  
Quereis dizer seu nome? — nomeai-o,  
Mil tít'los lhe juntai: quanto ao poeta  
Basta chamá-lo — amigo.

#### VI

Satisfez-se  
A vontade final do moribundo.  
Dormir veio o soldado o sono eterno  
À sombra de seus louros.

## VII

Eis aqui Labatut. Aguiar, Siqueira,  
Jacome, abraçai vosso irmão d'armas!  
Eis vosso General!! Mortos soldados,  
Que sem campas errais, das andrajosas  
Fardas que vos serviram de mortalha  
A terra sacudi! vinde prostrar-vos  
Aqui em continência ante seus manes,  
Veteranos da nossa independência!  
Braços cortados do possante corpo  
Que o trono levantou da liberdade,  
Vinde, vinde verter sobre esta pedra  
Uma lágrima, vinde! Enfeita o pranto  
Um semblante tostado nos combates,  
Quando é vertido assim.

Povo, se és grato,  
Só te não satisfaças com trazê-lo,  
Dentro em teu coração leva este túmulo.

## ADEUS AO MUNDO

### I

Já do batel da vida  
Sinto tomar-me o leme a mão da morte:  
E perto avisto o porto  
Imenso nebuloso, e sempre noite,  
Chamado — Eternidade!  
Como é tão belo o sol! Quantas grinaldas  
Não tem de mais a aurora!!  
Como requinta o brilho a luz dos astros!  
Como são recedentes os aromas  
Que se exalam das flores! Que harmonia  
Não se desfruta no cantar das aves,  
No embater do mar, e das cascatas,  
No sussurrar dos límpidos ribeiros,  
Na natureza inteira, quando os olhos  
Do moribundo, quase extintos, bebem  
Seus últimos encantos!

### II

Quando eu guardava, ao menos na esperança,  
Para o dia seguinte o sol de um dia,  
De uma noite o luar para outras noites;  
Quando durar contava mais que um prado,  
Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,  
E murmurá-lo num jardim de amores;  
Quando julgava a natureza minha,

Desdenhava os seus dons: ei-la vingada:  
Cedo de vermes rojarei ludíbrio,  
E vida alardearão fracos arbustos  
Sobre meu lar de morto! A noite, o dia,  
O inverno, o verão, a primavera,  
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrelas,  
A rir-se passarão sobre meus ossos!  
Não importa: não é perder o mundo  
O que me azeda os pálidos instantes  
Que conto por gemidos. Meu tormento,  
Minha dor, é morrer longe da pátria,  
Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro.

### III

Quando da pátria me ausentei, não tinha  
Nada, que lhes deixar, que lhes dissesse  
O que eram eles dentro de minh'alma.  
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,  
Deu-me quatro sementes de saudades;  
Ao meu jardim doméstico levei-as,  
Cavei, reguei a terra com meu pranto,  
E plantei as saudades. Soluçando  
Chamei ali os meus: "Aqui vos deixo  
(Disse apontando à plantação) "em flores  
"Minh'alma toda inteira; aqui vos deixo  
"Um tesouro enterrado. Jóias, oiro,  
"Riquezas, não, não tem, porém na terra  
Estéril não será." Ondas de pranto  
Afogaram-me a voz: houve silêncio;  
Palpei de novo o chão; vi que de novo  
Cavado estava! A terra se afundara,  
E as sementes nadavam sobre lágrimas,  
Que minha mãe e minha irmã choravam...  
Replantei-as, orei, beijei a terra,  
E parti... Trouxe d'alma só metade;  
E o coração?... deixei-o num abraço.

### IV

Certo estou de que a planta, já crescida,  
Terá brotado flor. Se ao menos dado  
Me fosse colher uma... ver a terra  
Pelo pranto dos meus santificada!  
Se uma dessas saudades enfeitar-me  
Viesse a minha essa, ou meu sudário,  
Ou, pela mão materna transplantada,  
Encravar-me as raízes no sepulcro...  
É tão pouco, meu Deus!!... Eu não vos peço  
Soberbo mausoléu, estátua augusta  
De túmulo de rei. Assaz desprezo  
Esses gigantes de oiro  
Com entranhas de pó. Mortalha escassa  
De grosseiro burel, que bordem lágrimas;  
Terra só quanto baste p'ra um cadáver,  
E as minhas saudades, e entre elas  
Uma cruz com os braços bem abertos,

Que peça a todos preces. Terra, terra  
Perto dos meus e no terraço da pátria,  
É só quanto suplico.

## V

A morte é dura,  
Porém longe da pátria é dupla a morte.  
Desgraçado do mísero, que expira  
Longe dos seus, que molha a língua, seca  
Pelo fogo da febre, em caldo estranho;  
Que vigílias de amor não tem consigo,  
Nem palavras amigas que lhe adocem  
O tédio dos remédios, nem um seio,  
Um seio palpitante de cuidados  
Onde descansa a lânguida cabeça!

Feliz, feliz aquele, a quem não cercam  
Nesse momento acerbo indiferentes  
Olhos sem pranto; que na mão gelada  
Sente a macia destra d'amizade  
Num aperto de dor prender-lhe a vida!

Feliz o que no arfar da ânsia extrema  
De desvelada irmã piedoso lenço,  
Úmido de saudades vem limpar-lhe  
As frias bagas dos finais suores!

Feliz o que repete a extrema prece,  
Ensinada por ela, e beijar pode  
O lenho do Senhor nas mãos maternas!

Desgraçado de mim!... Talvez bem cedo  
Longe de mãe, de irmãos, longe da pátria  
Tenha de me finar... Ramo perdido  
Do tronco que o gerou, e arremessado  
Por mão de Gênio mau à plaga alheia,  
Mirrarei esquecido! Os céus o querem,  
Os Céus são imutáveis: aos decretos  
Do Senhor curvarei a fronte humilde,  
Como cristão que sou. Eternidade,  
Recebe-me a teu bordo!... Adeus, ó mundo!

## VI

Já sinto da geada dos sepulcros  
O pavoroso frio anregelar-me...  
A campa vejo aberta, e lá do fundo  
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...  
Entremos. Deve haver nestes lugares  
Mudança grave na mundana sorte;  
Quem sempre a morte achou no lar da vida  
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos!  
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...  
Adeus, que vou viagem de finados...

Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol que, amigo iluminaste  
Meu pobre berço com os raios teus...  
Ilumina-me agora a sepultura: —  
Adeus, meu sol, adeus!  
Florezinhas, que quando era menino  
Tanto servistes aos brinquedos meus,  
Vegetai, vegetai-me sobre a campa: —  
Adeus, flores, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,  
Da madrugada alígeros orfeus,  
Uma nênia cantai-me ao pôr da tarde:  
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos!  
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...  
Adeus: que vou viagem de finados!...  
Adeus!... adeus!... adeus!

## A MINHA VIDA

### I

Este mundo é-me um deserto  
Por onde um vulcão passou,  
E gravada a minha história  
Em traços negros deixou.

São-lhes tetos bronzeados  
Escuros, medonhos céus,  
Onde bramam tempestades  
Em contínuos escarcéus.

Só, por ele vai minh'alma,  
Nos destroços tropeçando,  
Com passo tardio e incerto  
Tristemente caminhando.

Marcha... marcha... enfim, cansada  
De tão longo caminhar,  
Nalguma pedra que encontra  
Descansa, e põe-se a chorar.

Olha o céu... nem uma estrela!  
Olha a terra... é negro chão!  
Clama em brados por socorro,  
Só responde o furacão!

Nos olhos seca-lhe o pranto...  
Continua a caminhar,  
E noutra pedra distante  
Descansa, e põe-se a chorar.

## II

É triste o seu fadário: mas ao menos  
Oh! bálsamo do céu, piedosas lágrimas!  
Da infeliz peregrina a dor pungente  
Um pouco mitigais.

E só me alento

Quando posso chorar: são meus prazeres  
Um banquete de lágrimas! Mil vezes  
Alegre ter-me-ão visto entre os alegres,  
Conversando, soltar ditos chistosos  
A rir e fazer rir. Um drama a vida  
Não é? Porque julgar-se do semblante,

Do semblante, essa máscara de carne  
Que o homem recebeu para entrar no mundo,  
O que por dentro vai? É quase sempre,  
Se há estio no rosto, inverno n'alma.  
Confesso-me ante vós; ouvi, contentes!  
O meu riso é fingido; sim, mil vezes

Com ele afogo os ecos de um gemido  
Qu'imprevisto me chega à flor dos lábios;  
Mil vezes sobre as cordas afinadas  
Que tanjo, o canto meu acompanhando,  
Cai pranto. Oh! praza ao céu qu'inda o não visseis!

Eu me finjo ante vós, que o fingimento  
É no lar do prazer prudência ao triste.  
Louco fora por certo o que cantasse  
D'exéquias hino em bodas: ou de noiva,  
Qu'em transportes de amor o esposo abraça,  
Crepe de viuvez lançasse ao tálamo.  
Eu me finjo ante vós porque venero  
O sublime das lágrimas; conheço-as;  
São modestas Vestais, vivem no ermo,  
Aborrecem festins; olhos que o fogo  
Do banquete acendeu-lhes são odiosos:  
Descidas lá do céu, Virgens do Empírio,  
Têm vestes de cristal, temem manchá-las.  
Bem fechadas nos claustros de meus olhos,  
Dentro em meu coração hei de escondê-las,  
Guardá-las bem de vós, contentes, hei-de,  
Porque a dor me não traia neste empenho,  
Zelosa e vigilante sentinela,  
Em meus lábios trazer constante um riso.

## III

Hei de fingir-me ante vós,  
Porque sei que o desgraçado,  
Se a desgraça não oculta,  
É de todos desprezado:

Que o feliz, que goza os frutos  
Dos pomares da ventura,



Não conhece o gosto acerbo  
Da peçonha da amargura;

Que aos tristes consoladoras,  
Palavras nos lábios seus,  
São as palavras de Cristo  
Na boca dos Fariseus.

#### IV

Nestes versos vos dou minha vida:  
Minha vida, mortais, é assim:  
Ante os homens um riso mentido,  
Longe deles um pranto sem fim.

É veneno de arábico aroma,  
Entre fumo sutil disfarçado;  
É cadáver de carnes despido,  
Com vestidos de gala trajado.

É sepulcro, onde, o escárnio da morte,  
Mausoléu majestoso se arvora;  
Morte, trevas e terra por dentro:  
Vida, luzes e pompa por fora.

Nestes versos vos dou minha vida,  
Minha vida, mortais, é assim:  
Ante os homens um riso mentido,  
Longe deles um pranto sem fim.

### O QUE SOU, E O QUE SEREI! <sup>3</sup>

#### I

Homens, que vedes-me a passar sombrio  
Pela estrada que vai da vida à morte!  
Talvez buscais saber meu *que* de vida —  
O que sou, que serei, qual é meu norte.

Caso oculto de amor — certo — supondes,  
Que um moço trovador é sempre amores:  
Nem pode outro condão sobre seu peito,  
Nem se acurva — tão cedo — a outras dores.

Julgais bem; — porém pouco... que em minha alma  
Amor plantou — mais fundo — o seu feitiço:  
Dai mais peso ao que eu sinto, homens, que trago  
O viver, como vedes, tão submisso!

Não cuideis que o penoso sentimento,  
Que toda prende a amor minha existência,  
É como este sentir que todos sentem,  
De um dia, sem ardor, sem veemência!

---

<sup>3</sup> Poesia de Antônio Joaquim Rodrigues da Costa oferecida a Laurindo Rabelo.

Também já assim amei, se amor se pode  
Chamar essa ilusão de namorado,  
Mas hoje esse sentir me é tão da vida  
Que, se ele me faltar, ver-me-eis finado.

## II

Indagais meu sofrer! Buscai na terra  
O ente mais formoso,  
Aquele que do céu for mais mimoso —  
Que todo meu sentir nele se encerra.

Vendo-o, formai de mim vosso juízo;  
Se o encontrardes ledó,  
Contai que descobristes o segredo  
Do meu prazer... — vereis — sou todo riso.

Mas, se, ao contrário, virdes o quebranto  
Da tristeza em seu rosto,  
Julgai-me logo a padecer exposto;  
Sabei logo o que sou... sou todo pranto.

Se o virdes pôr em mim seus olhos belos,  
Seus lábios me sorrindo,  
E seu seio a ondular cândido e lindo... —  
O que eu sou — decifrai — sou todo anelos.

Se uma palavra der-me, à semelhança  
Das palavras, do céu,  
Do coração rasgai-me o tênue véu,  
E aí lede o que sou — sou todo esp'rança!

Contemplai a que amo. — Ora em langores  
Quase desfalecida;  
Ora toda expressão, incêndio e vida —  
E dir-me-eis se hei-de, ou não, morrer de amores.

Homens! Eis o que sou! — Dos trovadores  
O que mais sofre e sente;  
Por este coração, por esta mente,  
Sou todo inspirações, sou todo amores!

## III

Mas perguntais-me vós, porqu'inda triste  
Vou caminho da vida pensativo,  
Depois de o ente achar, que único deve  
Por áureas sendas ao porvir levar-me?!  
Por quê? Porque inda resta-me a incerteza,  
Essa inimiga certa da esperança,  
Que se me antolha horrenda em meus transportes!

Di-lo-ei todavia, homens (embora  
Traia o meu coração neste segredo,  
Que a mim só confiou), di-lo-ei — é força,  
Pois o exigis, é força confessar-vo-lo —  
O que serei, ouvi... é vaticínio

De um coração, a quem tornou profeta  
A luz de uns olhos lá do céu descidos.

Serei Nume, ou Demônio sobre a terra...  
Todo ternura e amor, ou todo cólera...  
Todo venturas, ou desgraças todo.

Ser minha, ou não — eis todo o meu futuro,  
Para o qual duas páginas abertas  
Em perfeito contraste há neste livro  
Imenso do porvir. É uma delas  
Toda negra e de sangue salpicada;  
A outra toda rósea, e matizada  
De azul e verde, com relevos de ouro!  
Destas páginas n'uma os nossos nomes,  
O dela e o meu, por força hão de gravar-se.

Ver-me-eis Demônio apascentando fúrias,  
Precipitado a caminhar na terra,  
Como quem busca o termo da existência;  
Dos olhos a saltarem-se faíscas  
De loucura e furos; na destra um ferro,  
Nos lábios um som único — vingança!  
E assim medonho, impenetrável, louco,  
Pisando por abrolhos sem senti-los,  
Insensível a tudo, aos próprios crimes,  
Querendo o mundo enfim todo de sangue!...  
Se ela minha não for — serei Demônio!

Ver-me-eis, porém, um Nume de venturas,  
Um prisma de afeições, cândidas todas,  
Um poeta de amor, sorrindo à terra,  
Um ente só feliz olhando encantos;  
Ver-me-eis co'os olhos em seu rosto impressos,  
Como os seus em minha alma impressos brilham;  
Ver-me-eis co'os lábios em seus pés, e ao mundo  
Entretanto c'os pés calcando a frente!!  
Se Eulina minha for! — serei um Nume!!

#### IV

Homens! Eis meu porvir: — dos trovadores  
    Ou o mais desgraçado,  
Ou um Poeta mágico, inspirado,  
Bebendo vida e luz num céu de amores.

Bahia, 21 de janeiro de 1855.

*Antônio Joaquim RODRIGUES DA COSTA*  
**AMOR E LÁGRIMAS**<sup>4</sup>

Se fosse possível na minha alma  
Amanhecer um dia da ventura,  
Corado por um beijo de donzela  
Ao despontar d'aurora...

---

<sup>4</sup> Oferecida ao amigo e colega Manoel Bernardino Bolívar.

Se, Anjo de salvação mandado ao mísero,  
Sorrindo, pelo céu jurasse a bela  
Fazer-me cada vez por novos beijos  
Mais rubra a cor do dia...

Se fiel companheira em toda parte  
Quisesse me seguir, presa comigo,  
Como um raio celeste preso a um astro  
A iluminar-lhe o curso...

Se a visse, desdenhosa a mil tesouros,  
Só por ter-me, deixá-los e contente  
A gabar-me o sabor do pão grosseiro  
Que me alimenta a vida...

Não a crera; e talvez que até julgasse  
Tantas provas de amor atroz perfídia,  
Se amor me não brilhasse nos seus olhos  
No centro de uma lágrima.

Amor é fogo; o coração que ama  
Todo nas suas chamas se evapora,  
No rosto se condensa, e chega aos olhos  
Em água convertido.

Que é um riso? — Um prazer. Prisão estreita  
De duas almas? — Simpatia apenas:  
E os abraços e beijos? — Muitas vezes  
Sustento de lascívia.

Tudo isso diz amor; mas quando? — Quando,  
Filho de um doce afeto que se apura  
Nos cadinhos da dor, é batizado,  
Num batismo de prantos.

É belo ver-se uns olhos cintilantes,  
Acesos em vulcões de fogo ignoto,  
A dardejar faíscas invisíveis  
Que os corações abrasam:

É belo ver-se um rosto nacarado  
No carmim do prazer: é belo ver-se  
Partir fino coral de rubros lábios  
Um *sim* d'alma saído:

Mas em rostos assim amor não fala;  
E, se fala, as mais vezes diz mentiras;  
E este — *sim* — que tomamos por verdade  
É escárnio do crente.

Quereis vê-lo sincero? Observai-o  
N'açucena de um rosto desmaiado,  
Entre os lírios de uns lábios que roxeiam  
Suspiros de agonia:

Nuns olhos, cuja luz crepusculante,  
Entre a neve das lágrimas, pareça

Revérbero da alâmpada mortíça  
Do templo da saudade.

Aí podeis lhe crer o que disser-vos,  
Podeis segui-lo sem temer um crime;  
Que amor, se o pranto lhe borriça as asas,  
Seu vôo ao céu dirige.

### A SAUDADE BRANCA<sup>5</sup>

Que tens, mimosa saudade?  
Assim branca quem te fez?  
Quem te pôs tão desmaiada,  
Minha flor? Que palidez!...

Ah!... já sei: n'um peito vário  
Emblema foste de amor:  
O peito mudou de afeto,  
E tu mudaste de cor.

Mas não; só peito animado  
Por constância e lealdade,  
Unida pode trazer-te  
Consigo, minha saudade.

Demais tu não mudas; seja  
Qual for o destino teu,  
Conservas sempre o aspecto  
Que a natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade?  
Assim branca quem te fez?  
Quem te pôs tão desmaiada,  
Minha flor? Que palidez!

Quem sabe se és flor, saudade?  
Quem sabe? Da sepultura  
Amor nas pedras penetra  
Por milagre da ternura.

Quem sabe... (Oh! meu Deus não seja,  
Não seja esta idéia vã!)  
Se em ti não foi transformada  
A alma de minha irmã?!

“Minha alma é toda saudades;  
“De saudades morrerei” —  
Disse-me, quando a minh'alma  
Em saudades lhe deixei:

E agora esta saudade  
Tão triste e pálida... assim  
Como a saudade que geme  
Por ela dentro de mim!...

---

<sup>5</sup> Composta por ocasião da morte de sua irmã e oferecida ao amigo Antônio Augusto de Mendonça Júnior.

A namorar-me os sentidos!  
A fascinar-me a razão!...  
Julgo que sinto a voz dela  
Falar-me no coração!

Exulta, minh'alma, exulta!...  
Aos meus lábios, flor louçã!  
No meu peito... Toma um beijo...  
Outro beijo, minha irmã!

Outro beijo, que estes beijos  
Não te proíbe o pudor;  
Sou teu irmão, não te mancham  
Os beijos de meu amor.

Fala um pouco. Se almas podem  
Em flores se transformar,  
Sendo almas encantadas,  
As flores podem falar.

Mas não falas?... não respondes?...  
Oh! cruéis enganos meus!  
Saudade, por que me iludes?  
Minha irmã!... Meu Deus!... Meu Deus!...

Minha irmã!... minha ventura,  
Esperança, encanto meu!  
É teu irmão quem te chama!...  
Responde!... fala!... Sou eu!

Dista muito o céu da terra?  
Os anjos asas não têm?  
Desata um vôo, meu anjo!  
Não tardes, meu anjo! Vem!

Vem! Ao menos um momento  
Quero ver-te, irmã querida:  
Embora, depois de ver-te,  
Fique cego toda a vida.

Mas não vens? Deus te não deixa  
Vir ao mundo, meu amor?  
Só devo encontrar no pranto  
Lenitivo à minha dor?

Ah! minh'alma desfalece...  
E o coração, que apressado  
Com tanta força batia,  
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes  
Me vai ralando a agonia:  
A tempestade de angústias,  
Mudou-se em melancolia.

Que é isto?! Como tão negro

Ficou-me todo o horizonte!  
Que suor me banha o rosto!  
Que peso sinto na frente!

Ah! meu Deus! graças! aos olhos  
O pranto sinto chegar;  
Se a boca não fala, ao menos  
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades;  
Uma de sangue ensopada  
Pela mão do desespero  
No seio d'alma plantada;

Outra da melancolia  
Toma o gesto, e veste a cor,  
Exangue, pálida e fria,  
Mas calada em sua dor.

Parece que a natureza  
Quis provar esta verdade,  
Quando diversa da roxa  
Te criou, branca saudade.

## FRANCISCO MUNIZ BARRETO <sup>6</sup>

### I

Dizer não posso o que és, o que é teu canto,  
Que o diga o Sol da Pátria  
Nos céus aos astros, quando, derramando  
A luz que neles bebe,  
Os astros vê nadando em novos lumes!

Que o diga a Primavera  
Nos prados e nos montes,  
Nos jardins, nas searas  
Descuidada deixando cair flores,  
E aparando teus versos no regaço.

Que o diga em noite estiva,  
A Lua melancólica,  
Pálida — imóvel — a chorar ternuras,  
Ouvindo-te saudosa — enamorada  
Uma canção de amores.

Que o digam essas brisas tão suaves  
Que ao viajor cansado, em nossos bosques,  
Refrigeram, deleitam, enfeitiçam,  
Trazendo-lhe o aroma que desprendem  
As flores bafejadas por teu estro.

Que o digam a escutar-te, quando altissono

---

<sup>6</sup> Oferecida ao amigo e mestre Francisco Muniz Barreto.

Nos narras inspirado  
Dos livres os triunfos, glória, e brios,  
A liberdade rindo,  
E o terror a tremer nas faces frias  
Dos pálidos tiranos.

Que o diga amor, e escreva  
Nos troféus que levanta,  
Quando, tangendo as cordas  
Da lira de diamantes,  
Rendidos corações arrastas presos  
Nos grilhões de teu canto até seu sólio.

Diga a mulher enfim, — não a que nutre  
Nos olhares ardentes de volúpia  
A chama impura das paixões nocivas;  
Divindade fatal, de cujos templos  
A razão a fugir ao crime entrega  
As aras e o turíbulo; — mas a virgem,  
A virgem, que descer dos céus à terra  
Por escada de flores viu o homem  
No lindo sonho do dormir primeiro:  
O anjo que no exílio acompanhava

O primeiro proscrito, e no pão negro,  
Que lhe dera o pecado, transformou-lhe  
C'um beijo em mel de rosa o fel das lágrimas:  
A estrela, que, depois de conduzir-nos  
Por mares de delícias,  
Onde afogados de prazer morremos,  
A vida nos restaura,  
E de luz divinal num raio amigo  
Nos embebe no seio o amor paterno.  
Sim, que o diga a mulher, mas a perfeita,  
A completa mulher por Deus formada,  
Norma daquele cofre que devera  
Arca de salvação, guardá-lo um dia,  
E cuja cópia transladaste em verso!

## II

Eu não posso dizer o que é teu canto,  
Nem cantar-te louvores,  
Se chama etérea me acendesse o estro...  
Se no meu coração vingasse ao menos  
Uma flor de poesia...  
Porém não vingam a flor sobre o rochedo,  
Não medra a chama, nem se nutre o raio,  
Nas cortadoras úmidas montanhas  
De aglomerados gelos.

## III

Gratidão e amizade,  
Que dentro em mim se batem neste empenho,  
Podem muito, Moniz, porém não podem  
De um trovista, qual eu, fazer poeta,



Poetar como tu, para cantar-te!  
Seja, pois, fraco e fido testemunho  
De quanto por ti sinto  
Este desejo que te envio.

#### IV

Amigo,  
Do riso e da aflição me acarinhaste  
Do estéril pensamento os pecos frutos;  
Zeloso Mestre, as trovas me lavaste  
No límpido Jordão da clara mente;  
Amigo e Mestre, deixa que te chame!  
— Amigo, — porque o és — minha alma o sabe;  
— Mestre, — porque me pede o entusiasmo  
Dizer-te como tal; porque preciso,  
Um nada como sou, do mundo às portas,  
Com o mérito teu cobrir meu nome.

#### À BAHIA

##### I

Se o trovador, que outrora,  
Como filho querido, nos teus braços  
Amorosa apertaste,  
De ti merece ainda uma lembrança,  
Pátria, querida pátria da minha alma,  
Terreno abençoado onde, aos milhares,  
Prantos que derramei brotaram risos,  
Recebe neste canto um revérbero  
Das chamas da amizade  
Eterna que por ti arde em meu peito.

##### II

Ao lindo sol da glória, que teus campos  
Liberal fertiliza,  
Minha primeira luz não deve os raios,  
Nem teus jardins me deram  
Flores com que adornasse o pobre berço;  
Lá das campinas tuas não medimos  
Nem eu, nem sócios meus, brincando alegres  
Velocidade e forças  
Na carreira e nas lutas esforçados:  
As mal pronunciadas  
Preces minhas sumir-se no infinito  
Não foram do teu céu, quando cansada  
A Tarde no Ocidente despe a púrpura  
Que o Nascente lhe deu, chamando-a — Aurora;  
Nessa hora, em que a brisa da saudade  
Suspiro da saudosa Natureza,  
Com brando movimento agita as folhas  
Extremas do arvoredor, os passarinhos  
Volvem aos ninhos apressados vôos,  
E dúbia luz, com trevas misturada,

Pouco a pouco se esvai entre as cinzentas  
Montanhas vaporosas; nessa hora,  
Em que todo o universo, extasiado  
    Num culto involuntário,  
Parece ver passar o Anjo do Tempo,  
Que vai, guarda da terra, a Deus dar conta  
Dos trabalhos diurnos; nessa hora,  
Em que a melancolia afaga os peitos,  
Em que a alma se contrai ouvindo a queda  
    Do pó que mede a vida,  
E, transido de mágoa, o campanário  
Deixa cair as lágrimas metálicas  
    No sepulcro do dia.  
Amei onde nasci. Essa esperança  
Tão doce e feiticeira  
Que na idade viril desponta n'alma;  
Essa idéia de fogo, onde releva  
A mão da fantasia imagem de anjo  
    Que nos seduz e arrasta,  
Tive-a no meu torrão. O mesmo astro  
Que no berço me viu, viu meus amores.  
O ameno Mon-Serrate, a fresca Barra,  
O místico Bonfim não asilaram  
Meus primeiros segredos de ternura;  
Essa história de enleios toda guardam  
Amigas margens do meu pátrio Rio,  
Que até no curso rápido desenha  
    A rapidez das ditas,  
Do gozo, do prazer que tive nela.  
    O nascimento, a infância,  
    Os primeiros amores,  
Não, não te devo a ti, terra querida;  
    Mas a dívida imensa  
Deste amor desvelado que me deste,  
Sem temor de baixeza, me consente  
Chamar-te — minha pátria.

### III

Quando, pela desgraça arremessado  
No solo teu, sem nome, pobre enfermo,  
Quase a esmolar um pão, busquei teus filhos,  
Ilesos do desprezo que aos felizes  
    A desgraça sugere,  
    Irmãos, não só amigos,  
Pais, não só protetores me abraçaram;  
    As portas da ciência,  
Que a chave da indigência me fechara,  
    Tuas mãos generosas  
Abriram francas a meu livre ingresso;  
E a vida almejavas ver-me o termo  
    Da difícil viagem,  
Enxugar-me na frente iluminada  
    O suor da fadiga,  
    E a coroa de espinhos  
Que a sorte me cingiu tornar de louros.

#### IV

O Berço do nascimento,  
Ou em palácio opulento  
Trajando a gala real,  
Ou cama de palhas feita  
Onde a escrava o filho deita  
Enrolado no sendal;  
O Céu que a primeira prece,  
De tarde ou quando amanhece,  
A criança ouvia rezar,  
Quer puro, e ledó sorrindo,  
Quer furioso bramindo,  
Fuzilando a trovejar;  
O lugar onde primeiro  
O coração todo inteiro,  
Amor dizendo, se abriu;  
Prado florente e risonho,  
Ou vale escuro e medonho,  
Que sangue humano tingiu;  
A pátria, enfim, tem encantos,  
Tão sedutores e tantos,  
Que não se pode vencer!  
É uma visão divina,  
Que a vida nos ilumina,  
E nos segue até morrer;  
Mas também o porto amigo  
Onde nos braços consigo  
A amizade nos levou,  
E d'alma, toda chagada,  
As feridas consternada  
Uma por uma curou;  
Onde destras apertamos  
Em que pasmados achamos  
O calor só natural  
A chama que o céu ateia,  
Quando veia, sobre veia  
Sente sangue paternal;  
Essa terra benfazeja,  
Inda que pátria não seja,  
    Igual atrativo tem;  
    É o estranho protegido  
    Pode, sendo agradecido,  
    Chamá-la pátria também.  
Lisonja, adulação, alcunhe embora,  
O vulgo o puro amor que te consagro,  
    O culto que te rendo;  
Recebeste o meu pranto no teu seio,  
Da fortuna enjeitado perfilhaste-me,  
Pátria, teu filho sou, e assim te adoro.

#### À MORTE DE JUNQUEIRA FREIRE

Do retiro claustral cisne sagrado  
    O vôo desprende!  
Enchendo os ares pátrios de harmonias

Cantou, depois morreu!

Mistério! — Ave criada entre os altares,  
Acaso a turba impura  
Do mundo com seu bafo envenenado  
Abriu-te a sepultura?!

Punindo-te o desprezo de seus lares  
O Anjo de Sião  
Por ordem do Senhor tão presto deu-te  
A morte, em punição?!

Preso o espírito, acaso, nas cadeias  
Do voto eterno e forte  
Teve, na luta acerba espedaçando-as,  
Por liberdade a morte?!

Mistério! — Respeitemos nesta campa  
Decretos divinais!  
Sobre as cinzas do morto ao vivo toca  
O pranto e nada mais!

Rei que fora! — Era um servo que devia  
A vida ao Senhor seu!  
Seu Senhor o chamou, a voz ouviu-lhe  
E pronto obedeceu!

Duvidais do que digo? — Erguei a campa...  
Esse corpo o que é?!  
E negareis ainda que era um servo?!  
Aí tendes a libré!

Viveu como poeta, de poeta  
Deixou o canto e a fama.  
Inda no crânio morto tem — bem vedes —  
Do louro verde a rama!

Leste-lhe a poesia? Eram arquejos  
D'um coração aflito!  
De uma alma que ensaiava na matéria  
Os vôos do infinito!

Voou!... Cisne de luz, adeja livre  
Mau grado a humanidade!  
Os hinos dos arcanjos são seus hinos  
Seu mundo — a eternidade!

### AMOR-PERFEITO<sup>7</sup>

Secou-se a rosa... era rosa;  
Flor tão fraca e melindrosa,  
Muito não pôde durar.  
Exposta a tantos calores,

---

<sup>7</sup> Segundo o Sr. Antenor Nascentes o título dessa poesia é uma adaptação. Foi publicada na *Revista Brasileira*, tomo VI de 1880.

Embora fossem de amores,  
Cedo devia secar.

Porém tu, amor-perfeito,  
Tu, nascido, tu afeito  
Aos incêndios que amor tem,  
Tu que abrasas, tu que inflamas,  
Tu que vegetas nas chamas,  
Por que secaste também?!

Ah! bem sei. De acesas fráguas  
As chamas são tuas águas,  
O fogo é água de amor.  
Como as rosas se murcharam,  
Porque as águas lhes falharam,  
Sem fogo murchaste, flor.

É assim, que bem florente  
Eras, quando o fogo ardente  
De uns olhos que raios são,  
Em breve, mas doce prazo,  
Te orvalhou naquele vaso  
Que, já foi meu coração.

Secaste, porque esse pranto  
Que chorei, que choro há tanto,  
De todo o fogo apagou.  
Triste, sem fogo, sem frágua  
Secaste, como sem água,  
A triste rosa secou.

Que olhos foram aqueles!  
Quando eu mais fiava deles  
Meu presente e meu porvir,  
Faziam cruéis ensaios  
Para matar-me. Eram raios,  
Tinham por fim destruir.

Destruíram-me: contudo  
Perdôo o pesar agudo,  
Perdôo a pungente dor  
Que sofri nos meus tormentos,  
Pelos felizes momentos  
Que me deram nesta flor.

Ai! querido amor-perfeito!  
Como vivi satisfeito,  
Quando te vi florescer!  
Ai! não houve criatura  
No prazer e na ventura  
Que me pudesse exceder.

Ai! seca flor, de bom grado,  
Se tanto pedisse o fado,  
Quisera sacrificar  
Liberdade e pensamento,  
Sangue, vida, movimento,

Luz, olfato, sons e ar.

Só para ver-te florente,  
Como quando o fogo ardente,  
De uns olhos que raios são,  
Em breve, mas doce prazo,  
Te orvalhou naquele vaso  
Que já foi meu coração.

## DOUS IMPOSSÍVEIS

Jamais! quando a razão e o sentimento  
Disputam-se o domínio da vontade,  
Se uma nobre altivez nos alimenta  
Não se perde de todo a liberdade.

A luta é forte: o coração sucumbe  
Quase nas ânsias do lutar terrível;  
A paixão o devora quase inteiro,  
Devorá-lo de todo é impossível!

Jamais! a chama crepitante lastra,  
Em curso impetuoso se propaga,  
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,  
É inútil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o ímpeto  
Em que não queima já, mas martiriza,  
Em que tristeza branda e não loucura  
À razão se sujeita e harmoniza.

É nesse ponto de indizível tempo  
Onde, por misterioso encantamento,  
O sentir a razão vencer não pode,  
Nem a razão vencer ao sentimento.

No fundo de noss'alma um espetáculo  
Se levanta de triste majestade,  
Se de um lado a razão seu facho acende  
De outro os lírios seus planta a saudade.

Melancólica paz domina o sítio,  
Só da razão o facho bruxoleia  
Quando por entre os lírios da saudade  
Do zelo semimorto a serpe ondeia!

Dous limites então na atividade  
Conhece o ser pensante, o ser sensível:  
Um impossível — a razão escreve,  
Escreve o sentimento outro impossível!

Amei-te! os meus extremos compensaste  
Com tanta ingratidão, tanta dureza,  
Que assim como adorar-te foi loucura,  
Mais extremos te dar fora baixeza.

Minh'alma nos seus brios ofendida  
De pronto a seus extremos pôs remate,  
Que mesmo apaixonada uma alma nobre  
Desespera-se, morre, não se abate.

Pode queixar-se inteira a felicidade  
De teu olhar de fogo inextinguível,  
Acabar minha crença, meu futuro,  
Aviltar-me! jamais! É impossível!

Mas a razão, que salva da baixeza  
O coração depois de idolatrar-te,  
Me anima a abandonar-te, a não querer-te,  
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de amar-te!

Porém amar-te desse amor latente,  
Raio de luz celeste e sempre puro  
Que tem no seu passado o seu presente,  
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,  
Que para nunca abandonar seu posto,  
Para nunca esquecer-te, nem precisa  
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças  
No teu semblante, no teu porte via,  
Adora respeitoso aquela imagem  
Que deles copiou na fantasia.

### **NÃO POSSO MAIS!**

Não sei se é vida, porém sei que a morte  
Terá de certo menos amargor;  
Só sei que a morte tem uma agonia,  
E não sei quantas tenho nesta dor!

Os olhos fecha quem a vida perde,  
O bem perdido jamais pode ver;  
Eu, morto n'alma, fitos os olhos tenho  
No bem querido, que não posso ter.

Embora firam desgraçada vítima  
Ervados gumes de cruéis punhais,  
As dores cessam mal que chega a morte,  
Sangue as feridas lhe não vertem mais.

Desta ferida nada o sangue estanca...  
A dor recresce mais, e mais pungente;  
Morta minha alma para os gozos todos,  
Só vê que vive pela dor que se sente.

O céu perdoe a quem assim compensa  
Os sacrifícios deste coração;  
Porém a mágoa me desvaira a mente:  
Se não há crime, como haver perdão?

A fronte curva, delinqüente altivo,  
A fronte curva, não és mais que um réu;  
Teu bafo impuro, que o pecado alenta,  
Acende o raio que te arroja o céu.

Perdão!... mas seja para mim somente,  
Nesse olhar terno que o perdão exprime;  
Perdão te peço, Querubim celeste;  
pune o culpado, mas perdoa o crime.

Rola de bosque, da inocência ao ninho  
Eu cego o verme da paixão levei-te;  
Anjo risonho, sobre a fronte lisa  
A ruga acerba do cismar tracei-te!

Turvei-te a face, nebulei-te os olhos,  
Cobri de espinhos o teu santo leito,  
E da tristeza, que a minh'alma encobre,  
Parte dos goivos te lancei no peito!

Mas Deus puniu-me...! Da sentença austera  
Tu escrevias a primeira parte,  
Quando a meus rogos de extremoso amante  
Só respondias — eu não posso amar-te!

Mas não bastava: — ao martírio imenso  
Dobrar devias a cruel tristura;  
Num sim de amores que me deste um dia,  
Um céu me abriste de falaz ventura.

Mas presto nuvens o horizonte toldam,  
De todo nelas a visão se esvai,  
E o cego doudo, que fitava os anjos,  
De novo em trevas envolvido cai.

Não ter-te, fora já penar bastante;  
Perder-te, extremo de cruel penar!  
Pensei que a pena se acabava nisto,  
Mas inda tinha mais que suportar!...

Desprezo em troca de meu culto; às ânsias  
De minha angústia riso mofador,  
De ti, daquele a quem me sacrificas,  
Para mostrar-lhe todo o teu amor.

Que a fronte calques, que por ti velando  
Consome dias, noites sem cessar;  
Que a fronte calques, que desdenha o mundo  
E varre a terra p'ra teus pés beijar...

É dura afronta, mas com essa afronta  
Eu não me avilto, nem me desabono:  
É nobre o solo que as rainhas pisam,  
Chama-se solo convertido em trono;

Porém que aplaudas, que consintas outro,



Também calcar-me escarnecer de mim...  
Eu não me lembro que fizesse um crime,  
Que merecesse ser punido assim!...

Estrela d'Alva de divina aurora,  
Deixa-me em trevas, é destino meu!  
Deus te dirige neste mundo os raios,  
Tu não governas o clarão que é teu.

Não quero o riso desbotado e morno  
De complacente, caridoso amor;  
De amor a planta quem a prova incauto  
Morre do fruto, se não goza a flor.

Deus de teus braços me recusa a dita,  
Mudo a sentença sofrerei — sou réu;  
Banhei meus lábios nos paúis do crime,  
Beijar não posso Querubins do céu!

Mas não mereço do escárnio o riso  
Mas não sou digno de desprezos tais;  
Se me não podes destruir a pena,  
Muda o tormento, que *não posso mais!*...

## AS DUAS REDENÇÕES

*Ao batismo e liberdade de uma menina*

Inda uma vez tanjamos  
A lira, e mais um hino  
Consinta-me o destino  
Erguer nos cantos meus;  
Que vá, de sons profanos  
Despido e desquitado  
Em vôo arrebatado,  
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrela  
No berço da inocência  
Derrama a providência  
De duas redenções;  
Mostrando um'alma limpa  
Do crime primitivo  
No corpo de um cativo  
Que quebra os seus grilhões.

Que assunto mais merece  
Um hino de poesia?  
Que dia tem mais dia?  
Que feito tem mais Luz?  
Do cativo um anjo  
Quebrando infames laços,  
À cruz estende os braços  
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deus o anjo

Na filiação da graça,  
E o ser que o crime embaça  
Puniu a redenção!  
E o homem, dissipando  
Do berço insano agravo,  
Em menos um escravo  
Abraça um novo irmão!

Que foras, inocente,  
Que foras, nesta vida,  
Da escravidão perdida  
No bárbaro bazar!?  
Pobre rola ferida  
Da infâmia pelo espinho,  
Em que ramo, em que ninho  
Te havias de aninhar?

Infante, sem afagos,  
Temendo-te altiveza,  
Querendo-te a vileza  
Plantar no coração,  
Daríam-te nos gestos,  
Nas vestes, no aposento,  
Na mesa, no alimento,  
Somente — escravidão!

Donzela (oh! sacrilégio!)  
Amor, qual flor sem viço,  
Mil vezes é serviço  
Que fero senhor quer!  
É dor que o fel requinta,  
Que a ímpia sorte agrava  
Daquela que é escrava  
Depois de ser mulher!

Se mãe (é mãe escrava!)  
Quem sabe se verias  
Teu filho mãos ímpias  
Do seio te arrancar?  
E surdos ao teu pranto  
Mandarem-te com calma  
Do seio da tua alma  
A outro alimentar?!

Criança mas sem veres  
Da infância as verdes cores,  
Donzela sem amores,  
Talvez alam sem Deus!  
Não foras arrastada  
Da vida pelos trilhos,  
Nem tu, e nem teus filhos  
Seriam filhos teus.

Ó vós que hoje lhe destes  
O dom da liberdade,  
Que junto à divindade  
Matais a escravidão,

Ao trovador propícios  
De ação tão excelente  
Em culto reverente...  
Guardai esta canção.

Eu sei que haveis guardá-la,  
Que em tão santa amizade  
Não vem a variedade  
Deitar veneno atroz.  
Sou vosso desde a infância:  
Da vida até o fim  
Sereis tanto por mim  
Como serei por vós!

### AO SR. JOÃO ANTÔNIO DA TRINDADE<sup>8</sup>

Ora de rosas, ora de ciprestes,  
As horas da existência coroadas  
Voam nas asas do volúvel tempo  
Lentas algumas, outras apressadas.

Mas na marcha que levam sinais deixam  
De uma vida constante ou transitória:  
Umas do esquecimento engole o pego  
Outras medram no campo da memória.

Aí frondosas árvores florentes  
Os mausoléus que a dor tem levantado  
São os frutos que colhe uma alma atenta  
Quando vaga nos mundos do passado.

Daí vem que o espírito, voando  
Do passado na vasta imensidade,  
Ergue às vezes um hino de alegria,  
Às vezes chora um pranto de saudade!

Bem-vinda sejam, hora sacrossanta  
Das raras festivais — bem-vinda sejam!  
Oh! nunca a nuvem negra do desgosto  
Ofusque a luz divina que dardejam!

Anos oitenta e dois há, que do mundo  
Viu feliz a primeira claridade  
Um ente, em quem prudência, brio e honra  
Se juntaram, formando uma — TRINDADE!

Despido de brasões, nobre na essência,  
De elevado sentir, modesto e puro,  
Fazendo do trabalho o seu destino,  
Arrancou de si mesmo o seu futuro!

Disse — sou homem! — trabalhou, e fez-se...  
Se achou tropeços, fez em mil pedaços:  
E sentindo-se, enfim, robustecido,

---

<sup>8</sup> Oferecida a seu padrinho João Antônio da Trindade por ocasião do seu octogésimo segundo aniversário.

Piedoso ao aflito estende os braços.

Se as coroas não têm desses pequenos  
Que a fama como grandes apregoa,  
As virtudes que brilham-te na fronte  
Decerto que lhe dão melhor coroa!

É grinalda do céu, de viço eterno,  
Onde refulgem, qual celeste orvalho,  
Os prantos do indigente agradecido,  
As gotas do suor de seu trabalho!

Sus, vivente feliz, bendiz teu fado,  
Que o céu a teu favor se pronuncia;  
Para bem penetrar-te esta verdade,  
Contempla um pouco o quadro deste dia!

Como prêmio, já na vida,  
Do teu honesto labor,  
Deu-te Deus na terra um Anjo  
Que te enxugasse o suor!

Um Anjo de caridade,  
De candura e singeleza;  
Um Anjo, enfim, adornado  
Com os dotes de — TERESA!

Por anos tão numerosos  
O Senhor tem conservado  
O Anjo sempre contigo,  
Tu sempre ao Anjo ligado!

Na tempestade e bonança  
Sempre o par se conservou  
Unido, como dous ramos  
Que o mesmo tronco gerou!

Que nunca se perturbe a paz tranqüila  
Deste Par tão ditoso!  
Que seja o Filho, qual tem sido sempre,  
Uma cópia do pai; e imensos anos  
Se renove este dia  
Que nos enche de glória e de alegria!

#### **A SRA. D. TERESA MARIA CAETANA DA TRINDADE <sup>9</sup>**

Que importam anos? Uma flor existe  
Que, quanto mais por ela o tempo corre  
Mais seu aroma e seu verdor aumenta;  
Com o tempo revive, nunca morre.

É a virtude, raio que no mundo  
Do céu dardeja o sol da eternidade,  
Em si bem como Deus o tempo encerra,

---

<sup>9</sup> Oferecida a sua madrinha D. Teresa Trindade por ocasião de seu aniversário.

Anos não conta, nem aumenta a idade.

O homem que a contempla, embora viva  
Séculos a contemplar-lhe a formosura,  
Mais aroma lhe sente, e vê na forma  
Mor garbo, mais beleza e mais doçura.

Não, as cãs da velhice não enfeiam  
A fronte da matrona virtuosa;  
Diadema de prata nela brilha,

Qual na da mocidade brilha a rosa.  
Se a grinalda de rosas da donzela  
É bela por dizer graça e meiguice,  
Exprime mais solenes predicados  
A coroa de prata da velhice.

Mostra uma virtude ainda nascente,  
As galas, o trajar da juventude,  
E a outra, coroa de triunfos,  
Que já colheu dos anos a virtude.

#### SUSPIROS E SAUDADES

Depois de tantas perdas só restou-me  
Na soledade,  
Em que deixou-me a dor, para consolo  
Roxa saudade.

Esta flor, tão estéril nos prazeres,  
Quando em retiro  
Quase sempre do seio magoado  
Brotava um suspiro.

Achava estes suspiros e saudades  
Encantadores,  
Embora fossem flores da tristeza,  
Sempre eram flores.

Demais, quem tem das ditas deste mundo  
Chegado ao termo,  
Quem traz de ingratições e desenganos  
O peito enfermo;

Quem tem com a flor que às almas venturosas  
Do prazer fala?  
Que ao ver-lhe o coração trajando luto  
Traja de gala?

A tristeza que tendes, minhas flores,  
É vosso encanto.  
E como éreis formosas orvalhadas  
Pelo meu pranto!

Mas secastes também?! Faltou-vos água?  
Demais tivestes.

Fogo? Desde nascidas sempre em chamas  
De amor vivestes.

Secastes? Com razão, que destas flores  
Certo não é  
Verdadeiro alimento, água nem fogo  
Faltando a fé.

Vivem com fogo e água, se dos prados  
Nascem no chão;  
Mas não se flores d'alma dentro d'alma  
Nascendo vão.

Quando morta a f'licidade,  
A fé expira também!  
Saudades de que se nutrem?  
Os suspiros que alvo têm?

Morta a fé, vai-se a esperança,  
Como pois viver pudera  
Saudade que não tem crença,  
Saudade que desespera?

Onde as graças do passado,  
Se altivo gênio sanhudo  
O cepticismo nos brada,  
Foi mentira, engano tudo?

Em nada creio do mundo:  
Ludíbrio da desventura  
A felicidade me acena,  
Só de um ponto — a sepultura.

Morreram minhas saudades,  
E meus suspiros calados  
Dentro d'alma pouco a pouco  
Vão morrendo sufocados.

#### OS DOUS BATIZADOS <sup>10</sup>

O fogo santo que dá vida à vida,  
Chama-se amor;  
Botão de rosa, que o pudor defende,  
Quando dous corpos este fogo acende,  
Desabrocha em flor.

Chorando sangue a virgindade foge,  
E mais não vem:  
Botão de rosa, no botão fechada,  
Depois que a rosa foi desabrochada,  
Vida não tem.

Prossegue o fogo, e faz que a flor aberta  
Murchando vá;

---

<sup>10</sup> Oferecida ao casal Torres, amigos do poeta, por ocasião do batismo de um dos seus filhos.

Mas quase sempre generoso amor  
Em recompensa da perdida flor  
Um fruto dá.

Desses frutos o mundo se povoa  
Em sua imensidade;  
Formam eles o grupo da família,  
Os reinos, as nações, a maravilha  
Chamada humanidade!

Feliz aquele que feliz recolhe  
O seu fruto de amor!  
Que seguindo da lei divina o trilho,  
Como filho de Deus vê no seu filho  
Um filho do Senhor!

Feliz o que cumprindo um dever santo  
Às santas aras vem,  
Fazendo o mesmo que seus pais fizeram,  
A Deus, como seus pais outrora o deram,  
Seu filho dar também!

Felizes vós portanto neste dia,  
Em que da culpa o véu  
Rasgando aos olhos de dous novos crentes,  
Fizestes de dous anjos inocentes  
Dous anjos para o céu!

Folgai, ó anjos, que o espaço é vosso,  
A cintilar!  
Vede... a estrela da graça se levanta!...  
Ganhastes asas nessa pia santa...  
Podeis voar!

Voar, meu Deus? Defende-os das torpezas  
Do mundo réu;  
Pela bondade que teu seio encerra,  
Dá que estes anjos sem roçar na terra  
Cheguem ao céu!

## O DESALENTO

*Ao meu amigo Leopoldo Luís da Cunha*

Quando eu morrer, minha morte  
Não lamentos, caro amigo,  
Que o sepulcro é um jazigo  
Onde eu devo descansar;  
A minha triste existência  
É tão pesada, é tão dura,  
Que a pedra da sepultura  
Já me não pode pesar.

Uma lágrima, um suspiro,  
Eis quanto custa o morrer;  
Custa-nos sempre o viver

Prantos, suspiros, sem fim!  
Que tormento fora a vida,  
Se não fosse transitória!?!...  
Não me risques da memória,  
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulcro,  
Mas ninguém delas se queixa;  
Quando o morto os olhos fecha,  
Não quer luz, quer sossegar;  
Aquele fundo silêncio,  
Aquele extremo abandono,  
Dão-lhe tão profundo sono,  
Que nem pode despertar.

Já tive medo da morte,  
Agora tenho da vida;  
Sinto minha alma abatida,  
Sem vigor o coração;  
Já cansado de viver,  
Para a morte os olhos lanço;  
Vejo nela o meu descanso,  
A minha consolação.

#### À TERRA NATAL <sup>11</sup>

Adeus!... Vou procurar talvez um túmulo  
    Longe do teu regaço.  
Nunca me foste mãe, mas sou teu filho,  
    Concede-me um abraço!

Abençoa-me! — Parto; dá-me a bênção!  
    Que ao filho desgraçado,  
Mesmo o ser infeliz dá mais direitos  
    A ser abençoado.

És rica, eu nada tenho; mas ao nada  
    Me soube acostumar;  
Dispenso os teus tesouros, mas a bênção  
    Não posso dispensar.

Adoro-a, quero-a, sim; porque custou-me  
    Aspérrimo desgosto,  
Torturas inauditas, conservar-lhe  
    Sem manchas este rosto.

Quero de filial doce ventura  
    Encher meu coração,  
Revedo nela, filho abençoado,  
    A minha filiação.

Nunca me foste mãe pelos carinhos;  
    Ao menos um sinal  
Dá-me, dá-me de mãe, que sou teu filho,

---

<sup>11</sup> Escrita quando o poeta partiu para a Bahia para concluir seu curso de Medicina.



Na bênção maternal.

Adeus!... Perdoa se me queixo; as queixas  
Que exalo em minha dor  
Ofender-te não devem, que são filhas  
De meu ardente amor.

Esses braços ao filho que se aparta  
Estende por quem és,  
Que o filho por teus braços abraçado  
Abraçará teus pés!...

## SAUDADES

Da saudade, bem amado,  
Nesta ausência tão distante,  
Cada vez mais encravado  
O espinho penetrante,  
O coração sossegado  
Me não deixa um só instante.  
Como do caos primitivo  
Surgiu bela criação,  
Do caos da minha tristeza  
Da pátria surge a visão!  
Tenho saudades dos montes,  
Dos ares, dos horizontes  
Que à pátria servem de véu;  
Saudades dos meus palmares,  
Saudades daqueles ares,  
Saudades daquele céu!  
É puro, mas com ser puro  
Este céu me não convém;  
Que tendo tantas estrelas  
A minha estrela não tem!  
Muitas vezes a procuro,  
Mas de balde!... um ponto escuro  
No seu lugar se fitou;  
Conheço e vejo a verdade:  
Foi a nuvem da saudade,  
Que a minha estrela apagou.  
Sim, meu bem, brilhou a estrela  
Sem rival nos brilhos seus,  
Enquanto a luz recebia  
Do lume dos olhos teus;  
Quando teus olhos ardentes,  
Rutilando de contentes  
Iam-se nela fitar.  
Hoje que estão desmaiados  
Por prantos continuados,  
Com seus sóis quase apagados,  
Como há de a estrela brilhar?  
Cada dia que se passa  
Neste desgosto cruel,  
Tem novo quadro a desgraça,  
Tem a ausência novo fel,  
Mais compunge o peito ansiado

Esse espinho envenenado,  
Que a saudade me cravou;  
E a dor me tem convencido  
Que do espinho introduzido  
Novo espinho se gerou.  
Eu o sinto, quando estreito  
Nos meus transportes de dor,  
Sobre os lábios, sobre o peito,  
O meu talismã de amor;  
O meu fiel companheiro  
E talvez o derradeiro  
Presente de amor, de ti,  
Na hora da despedida  
Em que tudo (exceto a vida  
Para chorar-te) perdi!  
Se d'alma a essência celeste  
Pudesse ser transmitida,  
O retrato que me deste  
Não fora um corpo sem vida  
Que, ao vê-lo, minh'alma ardente,  
No transporte mais veemente,  
Sente ao semblante subir,  
E nos olhos condensada,  
Em lágrimas transformada,  
Sobre o retrato cair.  
Aos tormentos que já sobram  
Novos reúne a saudade;  
Os seus negrumes redobram  
As sombras da soledade.  
Na mente a imagem se agita  
Dessa ventura infinita  
Que junto a ti desfrutei,  
Em quadros tão sedutores,  
Quais nunca dos meus amores,  
Nem nos sonhos divisei.  
O amor com que me abraças,  
Então não posso dizer!  
Da saudade sinto as asas  
No coração me bater;  
E contemplando os espaços  
Que te roubam aos meus braços,  
E que não posso transpor,  
Perco a luz, e desmaiada  
Cai-me a fronte atordoada  
Pelos combates de amor!  
Assim passo em tua ausência.  
Eis qual é o meu viver!  
Melhor que tal existência  
Mil vezes fora morrer,  
Se não tivesse a esperança  
Que venturosa bonança  
À tormenta porá fim;  
Se não tivesse a certeza  
Que me adoras com firmeza,  
Que não te esqueces de mim.

**EPISTOLA**  
**AO MEU AMIGO F. DE PAULA BRITO**

Se dessa nobre irmã, que as mais domina,  
Que de gala e de pompa revestida  
Majestosa nos ares se reclina:

De tudo quanto há belo enriquecida,  
Coberta pelo azul de um céu brilhante,  
De sempre verdes prados guarneçada;

Cujos pórticos guarda vigilante  
De dia e noite imóvel sentinela,  
Um disforme e grandíssimo gigante;

Que tão soberba em forma se revela,  
Como amável no trato hospitaleiro  
Com que abraça a quem vive à sombra dela;

Se desse pátrio ninho, onde primeiro  
Vimos ambos a luz, inda é lembrado  
Daquele solo o filho derradeiro;

Ou se em todas as mentes apagado,  
Pelo buril eterno d'amizade  
Seu nome inda na tua está lembrado;

Recebe nesta um culto de saudade,  
De afeto, e desse afeto que termina  
Onde encontra seu termo a eternidade;

Desse afeto do céu, que não fascina,  
Sol brilhante nos dias de ventura,  
Nas dores, da desgraça medicina;

No que te digo vai verdade pura;  
As linhas que te escrevo, Brito, amigo,  
São alívios à dor que me tortura!

Aqui, por mais que busque, não consigo  
Ter por minha de tantas uma hora  
Igual àquelas que passei contigo!

Tédio enfadonho tudo me descora;  
Marca-me o tempo lentamente a vida,  
Que aos outros entes rápido devora!

Parti... e, nessa hora da partida  
(Não sei se foi meu corpo, se minh'alma),  
Porém um fez do outro a despedida!

Dizem que com o tempo a dor se acalma;  
Mas a amante, a quem tal bem sucede,  
Ao verdadeiro amante ceda a palma.

Quando a vista ansiosa o espaço mede,  
E a imagem divinal do bem perdido

Em vão à terra, ao mar e aos astros pede;

Quando, da perda infausta convencido,  
Chega a crer que partiu, a crer n'ausência,  
Que já não tem presente o bem querido;

Quando, cedendo à força da evidência,  
Nem lhe resta uma nuvem de esperança  
Para os olhos vendar da consciência;

Não é decerto um tempo de bonança!  
Longe a certeza acorda a tempestade,  
Que perto sobre a dúvida descansa!

E quanto mais conhece-se a verdade,  
Mais funda, mais pungente e mais dorida,  
Se vai abrindo a chaga da saudade!...

É esta aqui, meu Brito, a minha vida!  
Nem exagera a pena meu tormento,  
Em poéticas tintas embebida!

Tenho n'alma um cruel pressentimento  
(Talvez não mui remota profecia  
Que não posso apagar do pensamento!)

Espero cedo o meu extremo dia;  
E a morte, da pátria tão distante,  
É quadro que me abate de agonia!

A saudade tornou-me tolerante!  
Que importa ser da pátria desprezado?  
Serei sempre da pátria filho amante.

Se outrora, contra ela conspirado,  
Os males que me fez lancei-lhe em rosto,  
Hoje tudo lhe tenho perdoado.

Dos lances em que a sorte me tem posto  
Esquecido, o desgosto de não vê-la  
É dos desgostos meus maior desgosto!

Ah! que não fosse a hora de perdê-la,  
A hora em que parti!... O sul formoso  
É belo, benfazejo, é lar ditoso:  
Mas eu tenho no Norte a minha estrela!

## **BANDO**

Eia, Baianos, raiar  
Vai na terra do Cruzeiro  
Esse dia tão jucundo,  
Que, apesar de ser segundo,  
Há de sempre ser primeiro!

Não deixes despercebido

O rei dos dias passar,  
Mostrai que não sois escravos,  
Mostrai que o dia dos bravos  
Inda sabeis festejar!

Se o misérrimo que sofre  
Da escravidão os rigores,  
Às vezes repete a história  
Dos seus passados de glória  
Nas senzalas dos senhores;

Nós livres, a quem escravos  
Inda não pôde fazer  
O furor do despotismo,  
Nossos feitos de heroísmo  
Não devemos esquecer.

Não devemos esquecer  
Esse dia, a cuja luz  
Os deus dos Americanos  
Escreveu — morte aos tiranos —  
Nos braços da Santa-Cruz.

Esse dia que provou  
Com solene majestade  
Ao vil tirano atrevido,  
Quanto pode um povo unido,  
Quando grita — liberdade —

Com as fronte coroadas  
De louros vamos cantar  
Hinos aos fortes soldados,  
Que valentes, denodados,  
Nos souberam libertar.

Todos os ódios se esqueçam,  
Demo-nos todos as mãos,  
E empenhemos nosso orgulho  
Em festejar dous de julho,  
Em um banquete d'irmãos!

Nem receeis que algum braço,  
Que para nos esmagar  
Ocultamente trabalha,  
Da nossa mesa a toalha  
Venha com sangue manchar.

Não, que tem a liberdade  
Seus amores neste dia,  
E, temendo as iras dela,  
Se atormenta, se arrepela,  
Mas não fala a tirania.

Comece pois o festim,  
E nas galas sem rival  
Entre as ledas comitivas,  
Impelido pelos vivos

Rode o carro triunfal.

Saia à noite, que não há de  
Cobri-lo da noite o véu;  
Brandões hão de iluminá-lo,  
De luzes hão de banhá-lo  
Os candelabros do céu!

Nele do dia dos livres  
Veja o formoso arrebol,  
Essa cabocla engraçada  
Que tem a face tostada  
Dos beijos que deu-lhe o sol!

E quando voltar dirão  
Com toda a gente os louvores,  
O mar por canhões bradando,  
Os ares vivas troando,  
A terra brotando flores!

Seja então tudo prazer,  
Tudo sonoras canções,  
Tudo banquete de bravos,  
Tudo remorsos de escravos  
Que inda desejam grilhões!

Eia, Baianos, raiar  
Vai na terra do Cruzeiro  
Esse dia tão jucundo,  
Que, apesar de ser segundo,  
Há de sempre ser primeiro.

Não deixeis despercebido  
O rei dos dias passar,  
Mostrai que não sois escravos,  
Mostrai que o dia dos bravos  
Inda sabeis festejar.

## AO DIA DOS FINADOS

### *Fragmento dos Túmulos*

#### I

Um dia para os mortos, se é que o dia  
Nos túmulos penetra.  
Entre tantos de riso um só de pranto  
Seja sagrado às lousas  
Fechadas pela morte, e onde seu selo,  
Segunda morte grava o esquecimento.

#### II

Terra de mortos, deixa que pisem  
Os pés dos vivos, deixa; no teu reino  
Pedaços d'alma dos que vivem dormem.

Entre os círios funéreos  
Arde também amor, geme a saudade.  
Mãe extremosa, os restos seus recebes  
Quando do mundo inteiro abandonados  
Vêm no teu leito procurar descanso.  
    O pai idolatrado  
    A ti confia o órfão;  
Entrega-te seu filho a mãe querida;  
    Os irmãos, os amigos  
Seus irmãos, seus amigos, te entregaram:  
Um dia, ao menos, querem vê-los: — Cede,  
    Pois tens tudo o que é seu.

### III

Um espírito único  
Desgraçado daquele que só teve  
Quando peregrinou por estes lares!  
O triste foi um tronco sem raízes  
Que aos impulsos da sorte foi tombando.  
Té que por fim caiu na eternidade.  
    Nem há na espécie humana  
Infeliz tão bastardo da ventura,  
Que tão ermo ficasse sobre a terra.  
É uma planta só a humanidade:  
Por mais extremo que lhe seja um ramo,  
Pela seiva comum é sustentado,  
E a cicatriz, que fica se o decotam,  
Da vida que se foi narrando a perda,  
Da vida que ficou narra a saudade...

### IV

Terra de mortos, deixa que dos vivos  
As almas se dilatam; frias cinzas  
Animar-se não podem; mas são elas  
Quinas dos edifícios abatidos  
Que o espírito só a Deus conhecem.  
Deixai-os divagar nessas ruínas,  
Que são domínios seus. — A terna ave,  
A quem a companheira arrebataram,  
Deixa, ao menos, voar em torno ao ninho.

### V

Podeis entrar, fiéis. — Que o pó do mundo  
Vos não venha nos pés. — Quando é da vida,  
Tudo estranho é aqui; a gala é óbito;  
O banquete são preces: Deus reparte  
O pão espiritual que o sacerdote  
    Prepara nos altares;  
São convivas os mortos, que recebem  
    Também com ele  
O sangue sacrossanto, que enfraquece  
Da punição o fogo. — Frágeis lágrimas,  
Ah! do mundo não são, tanto que o mundo  
    Não as quer nem conhece.

## VI

Entremos... Mas... O nível dos sepulcros  
Não vejo aqui!!... Marmóreos monumentos  
Aqui, ali se erguem distinguindo  
O pó do pó que a morte confundira.  
Ilusão pueril! É cinzas tudo!  
Só diverge a morada no aspecto:  
Os donos são iguais.

### ÚLTIMO CANTO DO CISNE

Quando eu morrer, não chorem minha morte,  
Entreguem meu corpo à sepultura;  
Pobre, sem pompas, sejam-lhe a mortalha  
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não mintam ao sepulcro apresentando  
Um rico funeral d'aspecto nobre:  
Como agora a zombar me dizem vivo,  
Digam-me também morto — aí vai um pobre!

De amigos hipócritas não quero  
Públicas provas de afeição fingida;  
Deixem-me morto só, como deixaram-me  
Lutar contra a má sorte toda a vida.

Outros prantos não quero, que não sejam  
Esse pranto de fel amargurado  
De minha companheira de infortúnios,  
Que me adora apesar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma,  
Do coração sincero, d'alma sã,  
De um anjo que também sente meus males,  
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um jovem amigo, também quero  
Que junte em minha Essa os prantos seus  
Aos de um pobre ancião que perfilhou-me  
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus

Dos meus todos eu sei que terei preces,  
Saudades, lágrimas também;  
Que não tenho a lembrança de ofendê-los  
E sei quanta amizade eles me têm.

E tranqüilo, meu Deus, a vós me entrego,  
Pecador de mil culpas carregado:  
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem,  
E o muito que também tenho chorado.

## HINO



Cantado pelos alunos do Instituto dos Cegos  
por ocasião da distribuição dos prêmios  
em 1863

## SAUDAÇÃO

1º CANTO

CORO

Glória aos anjos que firmando  
Deste império a monarquia,  
Contra as iras da anarquia,  
Do seu trono a glória são.

São duas virgens formosas,  
Cujos sublimes destinos  
Nos rostos, quase divinos  
Bem retratados estão.

Inda que cegos nem vê-las  
Por um momento possamos,  
É assim que as desenhamos  
Em nossa imaginação.

Firmes e ledas na vida  
Caminham da glória ao templo,  
Guiadas pelo exemplo  
Que os pais augustos lhes dão.

O perfume da inocência  
Que das flores d'alma exalam  
Quando riem, quando falam,  
Avassala o coração.

Quem as ouve, embora a mente  
Ao trono se não remonte,  
Curva os joelhos e a frente,  
Para beijar-lhes a mão.

E nós, cegos infelizes,  
Quando a destra lhes beijamos,  
Dentro d'alma sufocamos  
Um pranto de gratidão.

## SÚPLICA

2º CANTO

Tu, Ser no qual dos seres  
Somente o ser consiste!  
Que És ser de quanto existe  
Se nutre e reproduz;  
Se para a luz nascemos,  
Depois da luz criados,  
Eis-nos aqui prostrados!

A luz, Senhor! A luz!

A luz, dádiva imensa,  
Bela, sublime, santa,  
Que deste à terra, à planta,  
Ao bruto, aos bons, aos maus!  
As nossas mãos tateiam  
Abismo negro e fundo;  
Aos outros deste o mundo,  
A nós somente o caos!

Mas Tu És Ser dos seres  
Em que o ser consiste!!  
És Ser de quanto existe,  
Se nutre e reproduz;  
Se para a luz nascemos,  
Depois da luz criados,  
Eis-nos aqui prostrados!  
A luz, Senhor! A luz!

## VISÃO

### 3º CANTO

Silêncio! As trevas desbotam  
Seu carregado negror;  
Vai pouco a pouco surgindo  
Matutino resplendor.

Por entre nuvens de púrpura  
Assoma visão celeste,  
Real aspecto mostrando  
No ar, na forma e na veste.

Cinge um manto, um cetro empunha,  
que um dragão tem por emblema;  
Vinte estrelas-sóis flamejam  
No circ'lo do seu diadema.

Na destra suspende um mundo:  
Mais vigoroso que Atlante,  
Firme os pés, apóia o cetro  
Sobre o dorso de um gigante.

A claridade que o cerca  
É seu olhar que a produz;  
Não vê somente, dá vista;  
Não tem só, difunde a luz.

Dessa luz iluminados,  
Com pasmo e prazer profundo,  
No vulto reconhecemos  
Nosso pai — Pedro Segundo

## ALEGRIA E AGRADECIMENTO

### 4º CANTO

Do corpo os olhos mortos,  
Senhor, temos em vida;  
Porém na desabrida  
Mágoa do mal atroz,

Celeste medicina  
A nossa dor acalma;  
Propícia aos olhos d'alma  
A luz nos vem de vós.

A luz da inteligência,  
Crescente pelo estudo,  
Na claridade, em tudo  
Que a outra vale mais.  
A luz externa a tudo  
Concede a providência;  
A luz da inteligência  
Só toca aos racionais;

E esta vos devemos.  
O cego desvalido  
Por vós hoje instruído  
Calcula, escreve e lê,  
Se em trevas tropeçando  
Só tem no mundo escolhos,  
Aos céus levanta os olhos,  
E vê o que alma vê.

Monarca no poder,  
Monarca na bondade,  
Na dupla majestade  
Com que sois rei, senhor,  
Se tendes quem beijar-vos  
A mão de rei deseje,  
Mais tendes quem vos beije  
A mão de benfeitor.

E quanto as obras vossas  
Por Deus são estimadas,  
Na esposa e prole amadas  
Mais que patente está;  
Nas ditas, na ventura  
Que tendes no seu grêmio,  
Dos bens que dais, em prêmio  
Na terra, o céu vos dá.

Deste reinado a história  
De glória e f'licidade,  
Para adorar-vos há de  
O mundo inteiro ler.  
Hão de escrevê-la sábios  
De méritos subidos,  
Mas não de os desvalidos

A mor parte escrever.

Então, também louvando  
Voss'alma benfazeja,  
Um cego que mais veja,  
Dos muitos que aqui estão  
(Talvez em prosa altiva,  
Ou sublimado metro),  
Dirá que o vosso cetro  
Dos cegos foi bordão.

## SONETOS

### LEANDRO E HERO

#### SONETO I

Hei de, mártir de amor, morrer te amando.

O facho do Helesponto apaga o dia,  
Sem que aos olhos de Hero o sono traga,  
Que dentro de sua alma não se apaga  
O fogo com que o facho se acendia.

Aflita o seu Leandro ao mar pedia,  
Que abrandado por ela, a prece afaga,  
E traz-lhe o morto amante numa vaga,  
(Talvez vaga de amor, inda que fria).

Ao vê-lo pasma, e clama num transporte —  
“Leandro!... és morto?!... Que destino infando  
“Te conduz aos meus braços desta sorte?!!

“Morreste!... mas... (e às ondas se arrojando  
Assim termina já sorvendo a morte)  
“*Hei de, mártir de amor, morrer te amando.*”

### A UMA INCONSTANTE

#### SONETO II

É carpir, delirar, morrer por ela!  
BOCAGE

De uma ingrata em troféu despedaçado  
Meu coração devora amor cruento,  
Trocando em fero e bárbaro tormento  
Quantos prazeres concedeu-me o fado.

No seio d'alma, já dilacerado,  
Negras fúrias do báratro apascento!  
Filtra-me o delirante pensamento  
De zelos negro fel envenenado.

Desprezo, ingratidão, fria esquivança

Da cruel por quem morro, em tal procela  
Apagaram-me a estrela da esperança.

E eu (ao confessá-lo a dor me gela)  
Humilhado a seus pés, minha vingança  
*É carpir, delirar, morrer por ela.*

## A UM INFELIZ

### SONETO III

Geme, geme, mortal infortunado,  
É fado teu gemer continuamente:  
Perante as leis do Fado és delinqüente,  
Sempre tirano algoz terás no Fado.

Mas para não ser mais envenenado  
O fel que essa alma bebe, e o mal que sente,  
Não te iluda o falaz riso aparente  
De um futuro de rosas coroadas.

Só males o presente te afiança:  
Encrustado de vermes charco imundo  
Se te volve o passado na lembrança.

Busca, pois, o da morte ermo profundo:  
Despedaça a grinalda da esperança:  
Crava os olhos na campa, e deixa o mundo.

## A UMA SENHORA

### SONETO IV

Dos meus lares, dos meus que choro ausente,  
Me vieste acordar saudade ímpia,  
Tu, amada do Anjo d'Harmonia,  
Que te fazes ouvir tão docemente.

Do piano o teclado obediente  
Ao teu tocar encheu-se de magia,  
E lá dos mortos na soidão<sup>12</sup> sombria  
Operou-se um milagre de repente.

A morte sobre a fouce, entristecida,  
Amarguradas lágrimas verteu,  
Talvez do fero ofício arrependida!

Bellini do sepulcro a pedra ergueu;  
E, cheio de alegria desmedida,  
C'um sorriso de glória um — bravo — deu.

## À SRA. MARIETA LANDA

*Por ocasião de cantar no teatro de S. João  
da cidade da Bahia*

### SONETO V

Disseste a nota amena d'alegria,  
E, arrebatado então nesse momento  
De um doce, divinal contentamento,

---

<sup>12</sup> Soidão – forma arcaica de solidão.

Eu senti que minh'alma aos céus subia.

Disseste a nota da melancolia,  
Negra nuvem toldou-me o pensamento;  
Senti que agudo espinho virulento  
Do coração as fibras me rompia.

És anjo ou nume, tu que desta sorte  
Trazes o peito humano arrebatado  
Em sucessivo e rápido transporte?!

Anjo ou nume não és; mas, se te é dado  
No canto dar a vida, ou dar a morte,  
*Tens nas mãos teu Porvir, teu bem, teu fado.*

### À MESMA SENHORA

#### SONETO VI

Tão doce como o som da doce avena  
Modulada na clave da saudade;  
Como a brisa a voar na soledade,  
Branda, singela, límpida e serena;

Ora em notas de gozo, ora de pena,  
Já cheia de solene majestade,  
Já lânguida exprimindo piedade,  
Sempre essa voz é bela, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom supremo  
A dádiva descubro mais subida  
Que de um Deus pode dar o amor paterno.

E minh'alma, num êxtase embebida,  
Aos teus lábios deseja um canto eterno,  
E, só para gozá-lo, eterna a vida.

### À MESMA SENHORA

#### SONETO VII

Alcíone, perdido o esposo amado,  
Ao céu o esposo sem cessar pedia;  
Porém as ternas preces surdo ouvia  
O céu, de seus amores descuidado.

Em vão o pranto seu d'alma arrancado  
Tenta a pedra minar da campa fria;  
A morte de seu pranto escarnecia,  
De seu cruel penar se ria o fado.

Mas ah! — não fora assim, se a voz tivera  
Tão bela, tão gentil, tão doce e clara,  
Daquela que hoje neste palco impera.

Se assim cantasse, o túmulo abalara

Do bem querido; e, branda a morte fera,  
Vivo o extinto esposo lhe entregara.

### O TEMPO <sup>13</sup>

Deus pede estrita conta de meu tempo,  
É forçoso do tempo já dar conta;  
Mas, como dar sem tempo tanta conta,  
Eu que gastei sem conta tanto tempo?

Para ter minha conta feita a tempo  
Dado me foi bem tempo e não foi conta.  
Não quis sobrando tempo fazer conta,  
Quero hoje fazer conta e falta tempo.

Oh! vós que tendes tempo sem ter conta  
Não gasteis esse tempo em passatempo:  
Cuidai enquanto é tempo em fazer conta.

Mas, oh! se os que contam com seu tempo  
Fizessem desse tempo alguma conta,  
Não choravam como eu o não ter tempo.

Para do mundo dar completo cabo,  
Lá do negro recinto o soberano  
Meditava a forjar horrível plano  
Coçando a grenha, sacudindo o rabo.

Merecedor enfim de imenso gabo,  
Eis o que assim disse muito ufano:  
Para a missão cumprir — digesto humano  
Quero fazer — que nasça hoje um diabo.

E o 23 de maio nisso raia...  
Teotônio nasceu, e a fama soa  
Jamais ter visto infame dessa laia.

Pois para Satã ser mesmo em pessoa,  
Traja, qual bruxa velha, negra saia,  
Como o rei dos bandalhos tem coroa.

Vendo da peste o bárbaro flagelo  
Mil vidas a ceifar a cada instante,  
D'África deixa o solo distante  
E veio no Brasil curar Otelo.

O semblante imposto negro-amarelo  
Cresta do orgulho a chama crepitante,  
Traz cheia de vidrinhos o turbante,  
E buído punhal por escalpelo.

Homeopata é, e o albergue puro  
Do puro Martins busca e diz-lhe ardido:  
“Doutor, eu quero ter vosso futuro.”

---

<sup>13</sup> Segundo Teixeira de Mello, a autoria não é de Laurindo Rabelo, afirmando ser uma tradução de um soneto francês.



— Bravo! grita o Martins enternecido;  
Pelas cinzas de Hahnemann te juro  
Que não hás de morrer desconhecido.

## SETENÁRIO POÉTICO

### CANTO I

*A Providência, a cujos decretos nada  
resiste, e de que não é lícito murmurar.*  
(Imp. Alexandre da Rússia)

Das soberbas muralhas, tetos d'ouro,  
Dos palácios zombando, sem sussurro  
Voa o anjo que volve o mundo ao nada!  
Com a destra fatal lançando em terra  
Tronos, cetros, diademas e tiaras.  
Sopram seus lábios hórridos venenos,  
Que as flores murcham da infeliz campina  
Que o viu passar. A Nápoles seu vôo  
Furioso endereça, as asas bate  
Sobre o trono, e de luto cobre o sólio,  
Na mísera cidade levantando  
Monumento credor de pranto eterno!  
E lá jaz para sempre, lá repousa  
Uma fronte real que inda há bem pouco,  
Gingindo áureo diadema, prometera  
Idades d'ouro dos Bourbons ao povo.  
Inesperado golpe, caso infausto,  
Quantos bens nos roubaste no futuro!...  
Oh! quantas esperanças destruíste...

Quanto pranto trouxeste!... triste sorte  
Dos míseros humanos!... Ilusores,  
Magníficos fantasmas da esperança...  
Vida, que és tu?!... Caminho breve sempre  
Do leito à sepultura! Flor que murcha  
Quando mais odorosa nos parece.  
E, além das ilusões, quimeras fúteis  
De rápidos prazeres soçobrados  
Em oceanos de angústias, que nos deixas?...  
O que resta de ti?... Só a virtude!  
Sim, que a virtude só zomba da morte.  
E de pé sobre a laje do sepulcro  
Do vivo para o morto um culto pede!  
De lá, ó Isabel!, teu nome Augusto  
De apoteoses mil cercado surge...  
Ele as funéreas trevas aguardava,  
Para brilhar no céu, como rutilam  
Nos céus os astros, quando a noite arroja  
Seu manto opaco e negro sobre a terra.

Junto às portas do céu arremessaste  
A túnica de carne, que trajavas

Da milícia da vida nos combates,  
Como junto ao portal do alvergue amigo  
Arremessa o guerreiro fatigado  
As pesadas, inúteis armaduras,  
Para gozar tranqüilo e sossegado  
Sono de paz em leito abençoado  
Por destra paternal. A Glória é tua!

Bem conhece a razão esta verdade;  
Mas zomba da razão da mágoa a força;  
E, apesar da razão, medra a saudade!...  
Quanto mais bela te divisa o mundo,  
Mais deseja gozar-te, alma bendita!...  
Mais punge a tua ausência o peito ausente  
De Teus Filhos, Teus Netos e Teu Povo.  
Ah! lança lá do Céu a bênção Tua  
Sobre o mundo; consola o mundo aflito...  
Faze que o céu nos dê valor, constância,  
Para os males sofrer que nos flagelam! —  
E, se lá do Empíreo minhas vozes  
Gratas te são, acolhe meus suspiros!...  
Inspira-me essas frases lamentosas,  
Com que de minha dor modero as iras;  
Afina a lira débil que votou-te  
O Vate Brasileiro aos Régios Manes!

## CANTO II

*Elle est, elle est à Dieu.....*

Lamartine, Harm. Poet.

Isabel, que do mundo fugiste,  
Tão brilhante, tão bela e tão pura  
Como o sol do horizonte, deixando  
Sobre o mundo cair treva escura;

Isabel, que do mundo fugiste  
Como fuge louçã Primavera,  
Permitindo que o Inverno desbote  
Vastos campos que verdes fizera;

Isabel, que do mundo fugiste  
Como fuge dos ares no véu  
Belo Íris, que aos homens declara  
A aliança da terra e do céu;

Se da noite rompendo os negrumes  
Torna o sol no horizonte a nascer,  
Com a volta trazendo os prazeres  
Que, morrendo, fizera morrer;

Se voltando a gentil Primavera  
À natureza dá forças, dá vida,  
Que perdera de frio gelada  
Do inverno na capa envolvido;

Se do Íris a cor tão mimosa  
Para sempre se não desvanece,  
E depois de nos céus se perder,  
Outras vezes nos céus aparece...

Íris, Sol, Primavera Gentil,  
Vem de novo na terra brilhar:  
Tua augusta presença dá vida,  
Tua ausência nos pode matar!...

Vestem noite teus filhos, teu trono,  
Traja noite teu povo também;  
Chovem prantos dos olhos de todos,  
Nem verdumes os campos já têm!

Íris, Sol, Primavera Gentil,  
Vem de novo na terra brilhar;  
Tua augusta presença dá vida,  
Tua ausência nos pode matar!...

Belas flores murcharam tristonhas;  
Tem os troncos tristonho prospecto;  
Águas turvas sem vida derrama  
Na enlutada Campânia o Sabeto.

Íris, Sol, Primavera Gentil,  
Vem de novo na terra brilhar:  
Tua augusta presença dá vida,  
Tua ausência nos pode matar!...

Mas, inúteis são preces aos mortos...  
Nunca mais, nunca mais voltará  
Cá dos homens ao reino infeliz  
Quem no reino dos anjos está.

Ri-te, ri-te nos céus, alma santa;  
Goza, goza eternal f'licidade!...  
— Isabel deve rir-se na Glória,  
Deve o mundo chorar de saudade!!!... —

### CANTO III

*She went to meet her God.*

*Elegia à Rainha Carolina de Inglaterra*

#### 1º

De Isabel os restos jazem  
Lá no recinto sombrio,  
No seio da sepultura  
Solitário, mudo e frio.  
Lá descansa em sono eterno  
A Mãe cheia de ternura,  
A Rainha que a ventura  
Fazia do povo Seu.

Tantas preces, tanto pranto,  
Tantas súplicas de amor,  
Nada, nada do Senhor  
O decreto removeu.

2º

Como juntos d'árvore santa,  
Que por ímpios derribada,  
Entre os frutos macerados,  
Jaz em terra desfolhada,  
Choram aves que gozavam  
Dos aromas exalados  
Das flores, dos sazoados  
Belos pomos que brotou;  
Saudosas daquela sombra,  
Que do sol na intensidade,  
No rigor da tempestade  
Os seus dias abrigou.

3º

Isabel, assim a gente  
Que viveu tão feliz vida,  
Pela sombra do Teu manto  
Breves tempos acolhida,  
Que o aroma das virtudes  
De tua alma desfrutara,  
Que nos teus filhos depara,  
Do seu Deus santa bênção;  
Vendo junto dos Teus manes  
Tua prole lacrimosa,  
Aflita, geme chorosa  
Na maior consternação.

4º

Chorai, ó povos! chorai!...  
Com vosso pranto fazei  
Conhecer ao mundo inteiro  
Quanto amais ao vosso Rei!  
Mostrai-vos gratos a quem  
De vosso bem se incumbiu,  
Que convosco repartiu  
Seu pensar e seu viver.  
Livre deixai esse pranto,  
Que o semblante vos inunda,  
Da Rainha sem segunda  
Na sepultura correr.

5º

Chorai, que vos acompanha  
Do bronze o sagrado som,  
Porque o bronze também chora,  
Quando morre algum Bourbon;  
E cá deste meu Brasil,

Onde, cheia de candura,  
De virtudes, de doçura,  
De Isabel vive Uma Flor,  
Com eles irão juntar-se,  
Transpondo distância tanta,  
Os tristes versos que canta  
Brasileiro Trovador.

#### CANTO IV

*Quem como tu, alma angélica!*  
J. Bonifácio

De novo minhas lágrimas queridas  
Dos meus olhos correi em liberdade!...  
Vinde aplacar as dores das feridas,

Que da morte alegrando a impiedade,  
Me quis fazer no íntimo do peito  
O farpão penetrante da saudade.

Convosco, só convosco me deleito,  
Porque sois as sensíveis companheiras  
Do mortal que não vive satisfeito...

De meus olhos correi, correi ligeiras!...  
Molhai da minha lira as cordas tristes,  
De minha dor cansadas pregoeiras!

E vós, ó Natureza! que me ouvistes,  
Erguer o sonoro alegre canto,  
Quando de alegres cantos me incumbistes;

Se agora do pesar me cobre o manto,  
Guardai no vosso seio piedoso  
As gotas cristalinas do meu pranto!...

Ímpio, cruel decreto, rigoroso  
Nos vassalos e reis, fatal, ferino,  
Roubou-nos um presente precioso...

Que ao mundo ofertara o Ser Divino.  
Feliz! feliz mil vezes quem pudesse  
Arrancá-lo do livro do Destino!!!

Por ele dentre nós desaparece  
Um ser, dos Querubins cópia fiel,  
Que rival em virtude desconhece.

Por ele, na saudade mais cruel  
Nos deixou, e caiu na sepultura,  
No reino dos finados... Isabel...

Oh! lei inexorável! sorte dura!...  
Extinguiu-se tão cedo desta sorte  
Das mãos do Criador obra tão pura!

Quem pode compreender o poder forte  
Com que, do céu zombando impunemente,  
Tudo quanto Deus cria extingue a morte?!...!

A natureza inteira o golpe sente  
Do seu terrível braço; tudo chora  
Debaixo de seu gládio impaciente.

Do universo ríspida senhora,  
O mundo, como fera insaciável,  
Pela boca dos túmulos devora!...

Oh! vida triste... vida miserável!  
Julgada pelo Céu enfurecido  
Como crime de morte imperdoável!...

Mas a luz da razão tenho perdido...  
Oh! Céu! até que ponto me arrebatas  
De meu pesar o impulso desmedido?!...

Suspende, criatura! a voz recata!...  
Que do Céu os desígnios soberanos  
Soberba e loucamente desacata!

Oh Isabel! que longe dos humanos  
Contas na mais completa f'licidade  
Anos por dias, séculos por anos!...

Perdoa se ofendi a majestade  
De Teu Deus, maldizendo Seus decretos,  
Perdoa meus queixumes indiscretos,  
Tudo foi um delírio de saudade!

## CANTO V

*Aquela noite sempiterna  
Cruel, acerba e triste  
Que tu... viste.*

P. M. Bernardes, *floresta*

De luto vestidos os campos estão,  
Envolve as cidades das trevas o véu,  
A lua não brilha, as outras estrelas  
Somente povoam a face do céu.

Ninguém se recreia no triste silêncio,  
Na paz, no sossego desta solidão;  
Só eu gosto dela, por ver no seu rosto  
Descrito o retrato do meu coração.

Contigo me alegro, contigo meu peito  
Combina contente, ó noite sombria!...  
Do dia não gosto; o sol me aborrece:  
Nas noites encontro melhor poesia!

Ó tu minha lira, me dize: não é  
Da noite no seio mais belo teu som?...  
Teus meigos suspiros, teus ais, teus gemidos  
Não tem outra vida, não tem outro tom?...

O mundo inquieto, no estrondo que faz,  
Sucumbe teus ecos, sufoca-os no ar:  
Em seu labirinto, confuso de dia,  
Por mais que lhe fales, não quer te escutar.

Mas quando nas horas remotas da noite  
Escuta acordado teu som sedutor,  
Ouvindo soluços, que dizem saudade,  
Que dizem queixumes, que dizem amor...

Qual peito sensível resiste ao poder,  
À doce magia que o vem penetrar?...  
E quando termina o toque divino,  
Não quer ansioso que torne a voltar?!...

Oh minha adorada! meu bem! minha lira!  
Passar não deixemos tão doces momentos!...  
Ah! leva em teus sons ao reino ditoso  
As tristes idéias de meus pensamentos!...

Com eles, meus versos, velozes voai!  
Aos astros dissei meu mal tão cruel;  
Dos astros parti à santa morada,  
Humildes beijai os pés de Isabel.

Mas louco! não vês que a lira tangida  
Por destra tão fraca não pode soar  
Vozes tão sonoras e tão duradouras  
Que possam da terra aos astros chegar?!...

Que as tristes endechas, que os cantos humildes  
De um vate mesquinho tal força não tem?...  
Que ao céu voam cantos dos bardos celestes,  
Que aos bardos da terra só terra convém?...

Porém, se não podem as vozes da lira  
A par de meus cantos à glória chegar,  
Tu, alma celeste, dos anjos encanto!...  
Bem podes na glória meu canto escutar!...

Escuta, portanto, meus hinos saudosos,  
Meus hinos sem flores, sem ostentação:  
Com eles recebe na santa morada  
Um culto sincero do meu coração!...

## CANTO VI

*Una ave sola  
Ni canta ni llora.*

*Lamentaciones del Solitario*

Na primavera da vida  
Viu o mundo, sobre o trono,  
Isabel aparecer  
Tão pura como a inocência,  
Tão bela como o prazer.

Sua alma não era humana,  
Era um anjo, que do céu  
Todas as graças vestia;  
Seu corpo templo sagrado,  
No qual o anjo vivia.

Mas o brilho desse templo  
O tempo, sempre inconstante,  
Pouco a pouco destruiu;  
Sua bela arquitetura  
A ruínas reduziu.

O anjo, que viu caído,  
Em terra desmoronado,  
Seu asilo encantador,  
Foi buscar outra morada  
Na mansão do Criador.

Lá ficou, e para sempre!  
E o tempo, algoz cruento,  
Só a destroços votado,  
Vai consumir as ruínas  
Do edifício sagrado.

E a cinzas reduzir  
Aquele que viu o mundo  
O régio ceptro reger,  
Tão pura como a inocência,  
Tão bela como o prazer.

Mas que importa? pode o tempo  
Pela morte auxiliado,  
Sua existência ferir;  
Há de lá na sepultura  
Os seus restos consumir.

Porém triunfam do tempo  
Suas heróicas virtudes;  
Isabel vive na glória,  
Isabel viverá sempre  
Do universo na memória.

## CANTO VII

*She is no more, but her  
memory will last for ever.*

*Vida de Lady Kutingdon*



Potentados soberbos! vinde, vinde  
Ver um quadro sublime,  
Onde lampeja a glória da virtude,  
E se aniquila o crime!

Isabel sobre o leito d'agonia  
Saúda a eternidade,  
Que assentada nos túmulos apaga  
A luz da majestade...

Instante acerbo, que ao tirano causa  
Desusado terror,  
Porque vai baquear, cair do trono,  
Aos pés de seu Senhor!...

Por ver que no sepulcro se evaporam  
Seus queridos emblemas,  
Seus mantos, seus palácios e seus tronos,  
Seus cetros, seus diademas;

Porque vê, como um astro ensangüentado  
Em céu enegrecido,  
Sua alma aflita divagar da morte  
No lar desconhecido!...

Instante acerbo, em que p'ra consolo  
Nem mesmo os olhos seus  
Podem por um momento só fixar-se  
Sobre os olhos de Deus!...

E com razão bastante contemplá-los  
Não pode o infeliz:  
Seus crimes são horrendos, Deus é justo,  
E Deus é seu Juiz!!!...

O anátema do céu parece ao triste  
Do sacerdote a bênção,  
E o rosto volta, procurando aflito  
Fugir da maldição!

Isabel vê tranqüila da existência  
O último raiar;  
Nesse instante solene nada pode  
Sua alma perturbar!

A lembrança de trono, que perdia,  
Não a pode afligir;  
Pois lá da sepultura um novo trono  
De glória vê surgir.

Não é uma rainha que prostrada  
Do sólio cair vai;  
É a filha feliz que alegre voa  
Aos braços de seu pai.

Nem sequer uma idéia criminosa  
Lhe mancha o pensamento,

Que, fixado no céu, tranqüilo espera  
O último momento.

As costumadas preces de seus lábios  
Ao céu iam parar,  
E do céu lhe traziam santas graças  
Que a vinham consolar.

Lágrimas verte; mas quanta virtude  
Expressa pranto tal?!...  
Exprime de seus filhos e do povo  
Saudade maternal.

Das asas de sua alma só pena  
Ao mundo estava presa;  
Que dos filhos no peito segurava  
A mão da natureza!

Despegou-se afinal, voou da terra  
Ao céu leda e serena,  
Para o céu nos levou prazer consigo,  
Deixou do mundo a pena.

Só restos insensíveis nos ficaram  
Daquele ser benigno;  
Só este bem nos deixou na terra  
O anjo do destino!...

Ó povos! colocai-o num funéreo  
Eterno monumento;  
Que a vossa gratidão declare aos séculos  
O seu merecimento.

Esta inscrição gravai em letras d'ouro  
No régio mausoléu;  
“Seu corpo tem altares cá na terra,  
“Sua alma lá no céu!...”

## FLORES MURCHAS

*Oferecido ao meu amigo e colega  
Dr. Sinfrônio O (límpio) Álvares Coelho*

### I

Ai! flores de minh'alma! quem matou-vos  
Que nem o aroma vos deixou tão grato,  
Com que se embalsamava toda inteira  
A minha esp'rança? Flores, flores minhas,  
Que a inocência plantou na terra nova  
Do meu coração virgem, quem ceifado  
Vos tem assim dos ramos tão frondosos  
Do meu futuro?!... Árvore bem verde,  
Bem viçosa e fecunda, era-vos ele  
Mantenedor de vida deleitosa,  
Que parecia eterna!... mas... caístes!

E nem revivereis, nem outras flores  
Como vós colherei, que o tronco enfermo,  
Talvez por falta vossa, está mirrado!

## II

### *ROSAS, rosas*

Rosas, rosas, que a aurora me atirava  
Aos punhados do céu, quando eu menino,  
Vendo-a seguir do mar, do céu, dos montes,  
Mandava-lhe minh'alma num sorriso  
Inocente como ela; que mau gênio  
Roubou-vos a meus olhos!... Rosas, rosas,  
Que nos brincos da tarde me trazia  
Do jardim paternal a irmã correndo  
Para me dar em troca de um abraço...  
Ai! sempre, rosas, sempre me ganháveis  
Por um abraço-mil, por cada pétala  
Abrasados de amor — milhões de beijos!  
Murchastes de calor?!... foi tanto o fogo,  
Que vos matou tão cedo?... Amor não mata;  
Gira um vulcão de vida em cada chama  
Que acende o facho seu: de um deus amante  
A palavra de amor deu vida ao mundo...  
Se dei-vos tanto amor, por que morrestes?...  
Quem vos murchou tão cedo?... Rosas, rosas  
Que nos brincos da tarde me trazia  
Do jardim paternal a irmã correndo  
Para me dar em troca de um abraço!...

## III

Só um bem nesta vida me resta:  
De remorsos minh'alma está sã!  
Vêm curar-lhe do mundo as feridas  
Puras águas da crença cristã.

Sim, eu sei que, apesar de cerrados,  
Os teus braços, ó cruz, não têm fim;  
Se teus braços abrangem o mundo,  
Infinitos estende-os p'ra mim.

Que eles são infinitos quem nega?  
Quem não sabe que em todo lugar  
Onde um filho estiver do Calvário  
Em teus braços se pode arrimar?

Quantas flores colhi neste mundo,  
As perdi das paixões no escarcéu:  
Em jardim me converte o sepulcro,  
A colher dá-me as flores do céu!

## IV

Creio em Deus, minha irmã; e tanto creio  
Que, vendo lá no céu tua alma pura,

Em vez de maldições, mil bênções voto  
À hora em que desceste à sepultura!

Creio em Deus, minha irmã; tanto que espero,  
Inda no céu contigo, como outrora,  
Frescas rosas colher desabrochadas  
À luz dos raios da divina aurora.

Creio em Deus, minha mãe; em tua bênção  
Reconheço um tesouro divinal,  
Que do trono infinito a mão do Eterno  
Segue o traço da bênção maternal.

Creio em Deus, minha mãe; tanto que espero  
Qu'inda a terra do meu funéreo leito  
— Por teu maternal pranto semeada —  
Me brote um verdadeiro amor-perfeito.

Creio em Deus, creio em Deus; o bardo amigo,  
E por isso inda creio que, se o fado,  
Se não na minha pátria, neste solo  
Me permitir morrer junto a teu lado,

Por talismã da fê que nós sagramos  
E sincero tributo de amizade,  
Na terra que cobrir-me as frias cinzas  
Plantarás um suspiro, uma saudade.

*Bahia, 4 de agosto de 1854*

## DELÍRIO E CIÚME

Mais nada resta a suspeitar!... Mais nada  
O véu da falsidade encobrir pode!...  
Do desengano ao lume, desesp'rada,  
Atenta tudo vê, tudo conhece  
Minha alma acesa em raiva, acesa em zelos!...  
Que pretendias, pérfida?... Que ainda  
Perdurasse a ilusão com que risonha  
Entretinhas meus loucos pensamentos?  
Que da paixão ao sopro envenenado

O lume da razão, perdendo a chama,  
Jamais recuperasse?... Não! não pôde  
Em mim de amor a força ganhar tanto!...  
Mas oh! por que me ufano se ainda escravo  
Geme o meu coração? Se inda deseja  
Ver da tigre o semblante, ouvir-lhe as vozes?...  
Tristes sortes dos míseros amantes,  
De ingratos corações vítimas loucas!  
Conhecem o algoz! e o algoz só querem!  
Maldizem mão cruel, que os assassina,  
E só acham nos braços do verdugo,  
Alívio para o mal, que os atormenta!  
Cegos, que pretendeis achar ventura  
Entregues à paixão, que me devora!  
Estultos! vede os males que me cercam!  
Contemplai minhas ânsias! meus suspiros  
Penetrem vossos peitos desgraçados!

Amei uma mulher, julguei que nela  
Tudo era belo, tudo amável, terno:  
Minha alma embalsamada pelo aroma  
De meigas esperanças amorosas,  
Só delícias gozava, só prazeres  
Quando pensava nela, quando a via;  
Meu peito era inocente, e a razão nova.  
Na mente virgem de amorosas cenas,  
Era a primeira trágica — Marfida! —  
Roubou-me com enganos a traidora  
Meus primeiros suspiros, meus carinhos,  
Meus beijos, minhas queixas, meus desvelos!  
Se de ciúme ardente o peito amante,  
Irado, contra ela a voz erguia,  
Um sorriso somente me bastava  
Para apagar a lava em que fervia  
Meu coração zeloso! Um olhar terno,

Delirante de amor, aos pés da infida  
Em despojo a seus olhos me arrastava!  
Num beijo desmaiava, embriagado  
Por um licor divino que sentia  
Difundir-se dos seus pelos meus lábios!  
Quantas ditas gozei! quantos tormentos,  
Já me causava a Ingrata antes da infâmia!...  
Mas... tudo se passou!... Visões celestes,  
Vossa tirana angélica pintura

Em quadros infernais está mudada!...  
Leves pincéis de amor tendo quebrado,

Molhou da ingratidão a negra brocha  
Nas tintas que as traições lhe ministraram,  
E dentro da minha alta só vilezas,  
Falsidades venais, cenas infames  
Me desenha na mente desvairada!  
Oh! como! com que cor, com que prodígio  
Vendo estou daqui mesmo dos seus crimes  
O retrato fiel, a forma viva!  
Crestados pela luz da fantasia  
Queimam-se os véus que envolvem o nefando  
Leito onde fervem gozos impudicos!  
Onde a luxúria treme em corpos trêmulos,  
Exalando seu hálito empestado!  
Ao sumo em comoção chegaram ambos:  
Correm os beijos mais que o pensamento:  
Juramentos de amor entrecortados.  
Ouvem as fúrias presidindo o ato!  
Os corpos mutuamente se comprimem...  
E Deus em toda a parte!!!... e tudo vendo!!!...  
Nem o respeito ao céu lhe veda o crime  
Que acesa a Salamandra em fogo impura,  
Tem o céu nos prazeres desonestos

E seu Deus no mortal com que os goza...  
E não brada vingança um tal delito?...  
Risonha a Natureza a contemplá-la  
Parece festejar seus desatinos!...  
Bem; sucumba-se a sorte aos céus e ao fado;  
Fartem-se com os jorros do meu pranto;  
Contém-me as ânsias, contém-me os suspiros,  
Formem eles um cântico de glória  
Que ao seio paternal do Nume afague!...  
Porém... que digo!... Lábios, que fizestes?...  
Que disse!... oh! justo Deus! perdoa a Bardo:  
Não guiou a razão falsários ditos:  
Perdoa, justo céu! são tais palavras  
Centelhas do vulcão em que me abraso!  
Marfida escuta agora a voz do vate,  
Onde a paz já domina; atende um pouco  
À voz do coração aniquilado.

Que já livre das fúrias do ciúme,  
Inda ardente de amor, mas já sem lavas,  
Submergido nas trevas da tristeza,  
É qual em fundo bosque, em noite escura,  
Esqueleto de choça incendiada,  
Sem chama, sem fumaça, em brasa viva!  
Argüições não são, meu bem, são rogos!  
Rogos, que meigo, terno, lacrimoso,  
Suplicante, abatido, d'alma verto!  
Marfida! muda um pouco esses transportes!  
Dos lábios desse amante que idolatras,  
Desapega teus lábios!... vem ao menos  
Encostá-los nos meus envenenados

Para dar-lhes o seu contraveneno!  
Cede às aflitas preces da minha alma,  
Que sedenta te roga algumas horas,

Um minuto sequer de gozo antigo,  
Da celeste ilusão dos teus enganos!...  
Mas... sucumba a paixão; erga-se o homem!  
Quebrem meus pés enfim as vis cadeias,  
Que a seus pés arrastei! Mísero louco!...  
Escárnio a meu rival, escárnio dela!  
A taça em que sorvi divino néctar  
Caiu-me aos pés quebrada; os vis fragmentos  
Esmaguemos também! Nem mais teu rosto  
Venham mostrar-me espelhos da memória!  
Vai-te! Vai-te de mim... porém, não! fica,  
Fica, que, se tu partes, vai contigo  
Todo o meu coração, vai-se minha alma!...  
Que ânsia tão aflita me sufoca!  
Talvez a morte seja... Vem; não tardes,  
Imagem da extinção, imagem santa  
Do nada; ponte curta que nos leva  
Da ilusão à verdade! Mesmo quando,

Castigo ou prêmio, nada depois dela  
Exista para nós, o nada mesmo  
Realidade é! Mortais tormentos  
Suportará jamais quem não existe;  
A vida entre prazeres vale a vida;  
Mais que a vida em desgraça vale a morte.  
Talvez, talvez, cruel, antes que um dia  
Sobre o sepulcro d'outro a luz derrame,  
Da vida o fio me rebente a morte!  
Talvez amanhã mesmo sobre a campa,  
Que meu já frio corpo frio espera,  
Tu pises orgulhosa de meu fado!  
Vai; que lá mesmo te darão meus manes  
Uma prova de mais dos meus tormentos!  
Gemidos que ouvirás na minha campa,  
Sairão de meu peito inanimado;

Entre suspiros ouvirás teu nome  
Por meus já mortos lábios repetido;  
Que amor, essencial parte do espírito,  
No espírito eterno, eterno viva.

## RONDO

Minha lira brandamente,  
Delinqüente em leis de amor  
Do traidor que tem por crime  
O que imprime na razão,  
Que lacera a quem afaga  
Que propaga em seus ardores  
Os horrores da tristeza  
Que me pesa na feição,  
Tangerei as cordas tuas,

Que são tuas, e não minhas  
Que o que tinhas tangedor  
Tens de amor a escravidão.

Não mais de outras criaturas  
Formosuras cantaremos,  
Louvaremos tão-somente  
De um só ente a perfeição.  
Tirce, a bela moreninha,  
Que de minha nada tem,  
É, meu bem, a criatura  
Que segura meu grillão.  
Eu que em vê-la só me esmero  
Ser não quero desprendido,  
Que embebido no meu rosto  
Acho gosto na prisão.

### O JORNALEIRO

*É igual a ti mesmo, a ti somente  
(Do poema O ganhador)*

Quando ousado o poeta a voz levanta,  
Em punho tendo o látigo da sátira,  
P'ra castigar hipócritas malvados,  
É a voz da verdade a voz que soa!

Desmascarar falsários intrigantes,  
O vício espezinhar, punir tartufos,  
Velhacos suplantar, caluniadores,  
São atos que de austera probidade  
Louvor sincero e atenção merecem.  
Armados pois, de um retorcido relho,  
A um negro covil — talvez o inferno —  
Por um forte cabresto bem seguro,  
Eu vou buscar um torpe Jornaleiro,  
Que entre sujos papéis escrevinhados  
(Que só p'ra guardanapo têm valia)  
Sentado em tamborete junto à banca,  
Tendo nas garras de algum corvo a pena,  
Baldões, insultos contra a honra atira!  
Trazer pretendo o ganhador escriba  
Qual jumento manhoso à praça pública  
E expô-lo às apuradas dos moleques,  
Por quem apedrejado ser devia...

Quem não conhecerá o Miguelista,  
Escória dos sandeus de quem eu falo?!...  
Chicanista imoral, doutor em nada,  
Insosso prosador — alto pedante —  
Que estudar foi na estranja — patacoadas  
Para dizer-se aqui homem de letras?  
Quem não conhecerá o sábio lente,  
Que num certo colégio desta Corte  
Ciência geográfica ensinava?  
Quem não conhecerá — o que na escola,



Onde quer se instruir jovem guerreiro,  
Explicando o direito ensina o torto?!...  
O homem que insultava adversários,  
Alcunhando-os heróis das “vacas gordas”,

E que agora sedento — a grossa teta  
Bem agarrado, chupitar procura?!  
Homens raros assim todos conhecem!...

Eu não preciso retratá-lo ao vivo,  
Descrever-lhe o carão, onde grudados  
— Nos olhos — tem pedaços de vidraça,  
O corpo infame, o bojo monstruoso,  
Qual um balão de fedorentos gases;  
E mostrar o leteiro que na frente  
— Em letras garrafais — diz “Ganhador”!  
Todos bem sabem de que peça falo:  
O trabalho me tira a grande fama  
Que por falso, impudente tem ganhado.

Sim, ó grão-Redator (a ti me volvo)  
Ao público amador — quero mostrar-te,  
P’ra que faça a justiça que mereces...  
És qual tarpéia rocha inabalável  
Em teu princípio firme-o da calúnia —  
És herói dos heróis, quando se trata  
De vis aduladores intrigantes!  
Um singular portento és na mentira!  
Tu és grande! és enorme!! porque arrumas  
Patadas, couces mil, no mundo inteiro!!  
A natureza pasma ao contemplar-te,  
Julgando que não és uma obra sua!  
Embasbaca-se o gênio das trapaças  
Vendo brilhar o teu saber ingente!  
Té o demo — de gosto — pinoteia,  
— E berrando que tu, seu protegido,  
Que és glória sua comunica à terra!...  
E no entanto ninguém teu pai se julga!...

Nem o podem dizer, porque não sabem...  
Quem te acendeu nos cascos esses fogos  
Que tudo abrasam, sem queimar-te a bola?

Quem és pois? de onde vens? P’ra onde te  
[atiras?!...

És abutre — que mágica do Averno —  
Em homem transformou p’ra da calúnia  
O instrumento ser aqui na terra?  
És do zoilo invejoso a alma errante,  
Ou um sopro de negra, imunda harpia?  
Onde encontraste o ser? a origem tua?...  
Veste por acaso do planeta  
Que Vulcano por lei dizem chamar-se?  
Onde fixaste o norte de teu rumo,  
Ó ente singular, teu paradeiro?  
Para onde irás tu, quando partires  
Deste imenso teatro em que tens feito

O papel mais infame que se pode?!  
Abutre, harpia ou sopro, ou quer que sejas,  
— És igual a ti mesmo, a ti somente! —  
Cansa-se a pena a enumerar teus feitos!  
Envergonha-se aquele que o censura,  
Olhando para ti, vendo que és homem,  
Na figura somente... em nada mais!...

Imortal, Redator do papelucho  
A quem um respeitável nome deste  
(Sim que o nome da Pátria, para o probo,  
Que não p'ra ti, é nome respeitável),  
É tempo de voltar ao antro escuro,  
Ou p'ra o lugar — ignoro donde hás vindo!  
Já muito por aqui de mal tens feito...  
As cinzas venerandas revolveste

De um dos heróis da “Independência” nossa!...  
Tua missão cumpriu-se!... é tempo, volta...

Era minha intenção trazer-te à praça;  
Mas desisto da empresa!... A puros homens  
É um crime mostrar torpes figuras,  
Negros quadros, que infâmias representam!  
Vai-te! fuge daqui! do vate a destra  
Só cordas vibra de doiradas liras:

Se indignado empunha o forte relho  
Para surrar hipócritas malvados,  
Envergonha-se logo do que há feito!  
É nobre o fim p'ra que o Poeta nasce;  
E não para amansar bestas bravias  
Ou corrigir sicários sevandijas!...

## ODE

A D. Carlota Leal Milliet

*(Na noite de seu benefício em 16 de agosto  
de 1858)*

Tem um destino o gênio  
Só é livre na terra o que é pequeno;  
É fatal o sublime,  
Que o sublime é de Deus e não do mundo.

Olhos gravados nos fanais brilhantes  
De ridente futuro,  
Embora desejo incendiado  
Aos hinos o arremesse,  
Que retumbas nas mesas opulentas  
De altivos Baltasares,  
De rojo contra as urzes da desgraça

Há de cair o Gênio;  
De rojo há de ir por elas,

Arrastado por destra misteriosa,  
Que dest'arte o remonta a ignoto alcáçar.

### O ÉPICO DO — FIAT

Zela em extremo a palma aos seus diletos;  
Que o viço lhe desbotem não consente;  
Quando eles descuidados não a velam,  
Ante seus olhos amortalha o mundo,  
E na dor os obriga,  
Com lágrimas de sangue, a dar-lhe orvalho.

O anjo d'Harmonia no teu seio  
Jazia encarcerado,  
Deixando a furto apenas  
Ouvir em curto canto as notas mágicas  
Da sua voz divina,

Por não haver um templo  
Onde pudesse desferir seus vãos;  
Abriu-se o templo d'Arte!...  
Eia, Sacerdotisa, o altar te toca!  
Norma de *Norma*, chega!  
Já a língua de Euterpe é língua tua!

Lua e sol d'Harmonia ao mesmo tempo,  
É tua voz Proteu do sentimento  
Nas notas que desliza!  
O Estro de Bellini nas doçuras  
Da língua portuguesa mais se adoça,  
Só lhe falta a doçura do teu canto.  
Norma de *Norma*, chega!  
Já a língua de Euterpe é língua tua!

### O FUROR CIUMENTO

Da mãe, que pelo amante empunha o ferro  
Para cravar nos filhos, pede o fogo,  
Que em teus olhos dardeja o sol dos trópicos;  
A clave do gemido brasileiro  
Pede a prece da filha  
Que os filhos recomenda ao amor paterno;  
Norma de *Norma*, chega!  
Já a língua de Euterpe é língua tua!

Chegaste!... dos desgostos pela senda,  
Arrastada por destra misteriosa,  
Que dest'arte guiou-te ao ignoto alcáçar  
Recebe, pois, um ósculo da Poesia,  
Que Música e Poesia  
Irmãs nos louros, beijam-se na floria.  
Sus, Rainha do Canto, o cetro empunha!  
Reina, que, se não reinas  
No mundo d'harmonia,  
Reinar não pode a cena brasileira.

## AOS ANOS DE UM RESPEITÁVEL ANCIÃO

### I

Já seca pende morta essa grinalda  
Que outrora me adornou!  
Da inspiração a luz que me animava  
De todo se apagou!...

Os astros de luz tão bela  
Estão sem claridade;  
Apagaram-se todos, mal ergueu-se  
O astro da verdade

Fui livre quando, louco! no infinito  
Voava da demência;  
A razão cativou minh'alma presa  
Nos ferros da evidência.

Fecharam-se os jardins da fantasia,  
Nem há mais uma flor!  
Domina-me a razão — como ser livre,  
Sendo de mim senhor?

Se, conhecendo o mundo limitado  
Perante os meus projetos,  
Os vôos enfreei do entusiasmo,  
Prendi os meus afetos?

Minh'alma nos limites circunscrita  
Da franca humanidade,  
Abandonou a posse do infinito  
Perdeu a liberdade.

A lanterna da exp'riência  
Com seu escasso clarão  
Não pode mostrar imagens  
Do mundo da inspiração.

A verdade deste mundo  
Seca, morta, sem fulgor,  
Não deixa medrar as flores  
Da palma do trovador.

A pobre realidade  
Que o mundo inteiro respira:  
O trovador não encontra  
Nas notas da sua lira.

Das verdades deste mundo  
A misérrima visão  
Adormece, mata, extingue  
O fogo da inspiração.

Mas, assim como a lâmpada que exala

A vida no seu último lampejo,  
O meu último canto hoje dar quero  
À glória dos teus anos. Sim, um hino,  
Um hino de amizade, extremas notas  
Sejam da lira que, jamais manchada  
De infame adulação, só dedicou-se  
À virtude, ao amor, aos bons amigos  
E à pátria, que a despreza!...

## II

Mais um ano hoje contas, mais um dia  
Desses que valem anos te é marcado.  
Vês em redor de ti os teus, contente,  
Vês um grupo de amigos a teu lado.

Contente a verde prole nos teus braços  
Em transporte de amor hoje se lança;  
Na mãe dos filhos teus vês a bondade,  
E vês em cada filho uma esperança.

Filhos! não iludis os seus desejos,  
Não deis às esperanças desenganos;  
Vosso pai já velou nos anos vossos,  
Compete-vos velar sobre seus anos.

Vede, os anos passaram-lhe na frente  
Sem lhe deixar um sulco de desgosto;  
Respeitai o que os tempos respeitaram,  
Não aumenteis as rugas do seu rosto.

Começa o ancião a encanecer-se,  
E já lhe vejo as têmeoras nevadas;  
Ah! mais do que a ninguém, incumbe aos  
[filhos  
Conservar de seu pai as cãs honradas.

Um pai não vive em si, nos filhos vive,  
Mal sentem estes os vitais lampejos,  
Todo o bem, que é só seu, o pai esquece,  
O bem dos filhos seus são seus desejos.

Dá-lhe Deus a ciência do futuro  
Ganhada dos trabalhos pelo trilho,  
Quando do amor paterno iluminado  
O pai sempre conhece o bem do filho.

Amortalha, portanto, o seu futuro,  
Cair no precipício certo vai  
O filho que o amor paterno esquece,  
Desprezando um conselho de seu pai.

Filhos, beijai a destra deste velho,  
É a bênção de Deus nela encarnada:  
Ele vos deu segura mocidade,  
Dai-lhe também velhice afortunada.

## AS LÁGRIMAS

Lágrimas, lágrimas tristes,  
Não deixeis os olhos meus,  
Que por vós eternamente,  
Aos prazeres disse adeus.

Para ter indisputáveis  
Direitos ao nosso amor,  
Arranquei-vos da minh'alma,  
Sois filhos, de minha dor.

Minha vida, agreste planta  
De desertos areais,  
Ao sol das paixões vivendo,  
Expira se a não regais.

Para ter indisputáveis  
Direitos ao nosso amor,  
Arranquei-vos da minh'alma,  
Sois filhos, de minha dor.

## CIÚME E RAZÃO

### I

E perdi-a! e nem mais uma esperança,  
Sequer, me alenta nesta dor terrível,  
Que hei de, não mudo só, porém me rindo  
Devorar em segredo até a morte!

Suportar um tormento  
Que ao menos em gemidos

Vai-se em parte exalando; a febre, a sede  
Do amor e da saudade mitigar-se  
Com lágrimas, é bem que só conhece,  
Quando o céu lhe recusa, o desgraçado!

E não hei de chorar, chorar não quero,  
Não quero, porque as bagas do meu pranto  
Enfeitam a coroa  
Que ele cinge, feliz, nos braços dela!

## II

Excede à força humana este martírio;  
Mas, louvores ao céu, minha alma sinto  
    Resignada e pronta.  
Benéfica razão serve de alâmpada  
Das minhas ilusões à sepultura!  
Amarga como o fel sempre a verdade  
Quando do amor é o erro, mas não cospem-na  
Lábios que a ingratidão beijar rejeitam.

## III

Sim, hei de consumir o sacrifício;  
Nem súplicas, nem queixas há de ouvir-me;  
Do Coração no fundo hei de trancá-las  
Ao vê-la, ao vê-los, e saudar contente  
Do amor de ambas a ventura e os gozos!

Daquele olhar d'arcanjo cujos raios,  
    Como punhais de fogo,  
Do coração as fibras me laceram,  
Hei de fitar a luz sem perturbar-me;  
    E morrer impassível,  
Quando nos olhos dele minha vida  
Em delíquio amoroso depuserem!

## IV

Nobre altivez as preces me proíbe,  
Assim como a razão proíbe as queixas  
Que lhe posso pedir que dar-me possa?  
Desejava um amor puro, espontâneo,  
Desses que nascem nos segredos d'alma  
Que ao simples choque de um olhar acordam  
Para não mais dormir. Queria os vôos  
Desse amor desvelado, procurando  
Dentro em meu coração fazer um ninho;  
Observar em êxtase os milagres  
Do proteísmo ser; colhê-lo em rosas  
Nas chamas do rubor que acende um beijo  
Senti-lo gelo após alguma ausência  
    Num susto de saudades,  
    E no doce apertar de um longo abraço  
No seio me cair, tépida lágrima.  
Não me pode dar tanto. Da vontade  
Os domínios amor nas asas prende;  
Se quando se quisesse amor nascesse,

Quando se não quisesse amor findara!  
Inda que a minhas preces comovida,  
Disses-me tudo que desejo agora,  
Faltava em tudo o mel que amor destila  
E unicamente amor!...  
    Anjo inocente,  
Não queixo-me de ti, regem os fados  
Das sensações o mundo; aos afetos

O céu a cada um deu seu destino;  
O tesouro que guardas no teu seio

Foi destinado a outrem;  
Os desígnios do céu foram cumpridos  
E assim tu, sem querer, me deste a morte!...  
Grosseiros corações, almas estreitas  
Mancham o querubim que os encantara,  
Porque as asas lhe nega; generoso,  
Inimitável, crescente o meu afeto  
Das ânsias no martírio se acrisola;

Por cada golpe que me dás no peito,  
Nova chama de amor me acendes n'alma,  
Extinta a minha última esperança  
No árido deserto em que me arrojas.  
Inda busco uma flor para enfeitar-te!  
Não, não hei de acusar-te, mesmo quando  
Na explosão de meus gelos mais pungentes

Me for a mágoa de te haver perdido.  
És a imagem querida do meu êxtase;  
Intacta ficarás. Por entre a nuvem  
Que o infortúnio lançou-me sobre os olhos,  
A mesma me será no pensamento,  
Benfazeja visão de um sonho eterno!

## ANGÚSTIA

Quando morta a f'licidade,  
A fé expira também!  
Saudades de que se nutrem?  
Os suspiros, que alvo têm?

Morta a fé, vai-se a esperança;  
Como pois, viver pudera  
Saudade que não tem crença,  
Saudade que desespera?

Onde as graças do passado,  
Se altivo gênio sanhudo  
O cepticismo nos brada,  
Foi mentira, engano tudo?

Em nada creio do mundo:  
Ludíbrio da desventura,  
A felicidade me acena  
Só de um ponto — a sepultura.

Morreram minhas saudades,  
E nem suspiros calados  
Dentro d'alma pouco a pouco  
Vão morrendo sufocados.



**IMPROVISOS**  
**AS POTÊNCIAS DO OCIDENTE**

*As Potências do Ocidente  
Com as Águias e os Leões,  
Ou tomam Sebastopol,  
Ou deixam de ser nações.*

**Paula Brito**

Já de suportar cansado  
Tanta injúria moscovita,  
Um povo acolá se agita  
Da guerra soltando o brado!  
Dos canhões de Rei mitrado  
Retumba o eco imponente,  
Que em defesa da inocente  
Frac, mas briosa terra,  
Acorda, e convida à guerra  
*As potências do Ocidente.*

Eram rivais... mas que importa!  
Um povo herói tudo esquece,  
Se outro povo, que padece,  
A defendê-lo o exorta.  
Não, cair não há de a Porta,  
Não há de rojar grillhões,  
Não há de que seus brasões  
Vão defender com pujança  
A Inglaterra e a França  
*Com as Águias e os Leões.*

Ei-las no campo de glória,  
Que com puro sangue lavam,  
E cada luta que travam  
É uma nova vitória!...  
Da humanidade e da história  
Seguidas pelo farol,  
Juram ambas pelo sol  
Dos livres, em que se abrasam,  
Que Sebastopol arrasam,  
*Ou tomam Sebastopol.*

Hão de tomá-la!... arrastada  
Do autocrata a bandeira,  
Há de ser a pregoeira  
Desta verdade sagrada:  
“Que nações que pela espada  
“Pretendem usurpações,  
“Que, vis escravos, grillhões  
“Às suas irmãs destinam,  
“Ou como Tróia terminam,  
“*Ou deixam de ser nações.*”

## O QUE FAZ MINHA DOR

*Um pensamento de morte,  
Uma lembrança de amor,  
Uma esperança perdida,  
Eis o que faz minha dor!...*

Tive no mundo da mente  
Formosos dias serenos,  
Como os do céu sempre amemos  
Em doce paz inocente.  
Dos desgostos a torrente  
Em um rápido transporte,  
Por má vontade da sorte,  
Me fizeram num momento  
Do meu feliz pensamento  
“Um pensamento de morte!”

A minha alma escureceu-se  
Do pensamento nublada,  
E a mente desnorteada  
Em negro caos converteu-se!  
Um mar de pranto — estendeu-se  
Naquele mundo de horror;  
E no medonho fragor  
Da tormenta desabrida  
Vaga nas ondas, perdida,  
“Uma lembrança de amor!”

Cresce a celeste batalha,  
E na vasta escuridade  
Sem cessar, da tempestade  
O raio o manto retalha  
A flutuante mortalha,  
Vaga sempre! Convertida  
Aquele idéia de vida  
Num sudário desta sorte,  
Retrata, emblema da morte  
“Uma esperança perdida.”

Em pé firme e solitária,  
Minh'alma fora insensível  
À tempestade terrível,  
Contínua, crescente e vária!...  
Mas a veste mortuária,  
Que das ondas vai na flor,  
Mortalha do meu amor,  
Dantes saudosa lembrança...  
Hoje perdida esperança...  
“Eis o que faz minha dor!...”

## O FAROL DA LIBERDADE <sup>14</sup>

*Na terra da Santa Cruz,  
Que enlutava atroz maldade,  
Já solta brilhante luz  
O Farol da Liberdade.*

Que vejo?... a Rússia tremendo  
Sob despótica espada?!...  
Forte Hungria derrotada  
Entre cadeias gemendo,  
A Itália a frente abatendo  
Ante o fanático Jus?!...  
Liberdade!... se de luz  
Precisas, responde, fala,  
Aqui temos, vem buscá-la  
*Na terra de Santa Cruz.*

Famoso povo guerreiro,  
Por nós hospitalizado,  
Contra nós sem causa irado  
Nos levou ao cativeiro!  
Em seu jugo carniceiro  
Choramos longa orfandade!  
Nossos campos, nossa herdade,  
De cadáveres cobertos,  
Eram funéreos desertos  
*Que enlutava atroz maldade.*

Mas nossos brios um dia  
Contra os ímpios acordaram,  
E os combates rebentaram  
Entre nós e a tirania!  
A estrela que conduziu  
Colombo à terra da Cruz,  
Que os grandes povos conduz  
Ao templo da Liberdade,  
Dos Andes na sumidade  
*Já solta brilhante luz.*

Ao seu divino clarão  
Pedro o filho dessa terra  
Que dispunha em nova guerra  
Lançar-nos novo grilhão,  
Acorda... fíta a visão,  
Toma a espada, o campo invade,  
Embebe-a na claridade  
Que da estrela se desprende,  
E com ela acesa acende  
*O Farol da Liberdade.*

---

<sup>14</sup> Poesia para festejar o dia 7 de setembro.

## À MINHA MULHER

### *Lembranças do nosso amor*

Da morte o sopro gelado,  
Não me apagando a existência,  
No coração com veemência  
Sinto seu passado apressado.  
Ai quando, bem adorado,  
Minha alma daqui se for,  
Disfarça teu dissabor,  
Resiste à força veemente,  
Mas nunca risques da mente  
Lembranças do nosso amor.

Nada tenho que deixar-te  
De fortuna nem de glória,  
Nada me aponta a memória  
Que possa morto legar-te;  
Se nada deve ficar-te  
Mais que saudades e dor,  
Bálsamo consolador  
À dolorosa ferida  
Hão de ser-te nesta vida  
Lembranças do nosso amor.

Lembrar um bem adorado  
Na dor da saudade ausente,  
É mesmo sê-lo presente,  
Inda que seja passado.  
Ser por ti sempre lembrado,  
Como em vida morto for,  
Por influxo encantador  
Deste mistério profundo,  
Hão de ser-te nesse mundo  
Lembranças do nosso amor.

## AO AVISTAR O RIO DE JANEIRO

Despe as nuvens que encobrem  
Sol da minha f'licidade  
Que abre a flor dos meus prazeres  
Santo orvalho da amizade.

Respiro os ares da pátria  
Contemplo os encantos seus;  
Os meus contentes me abraçam,  
Eu contente abraço os meus.

Meu Deus, meu Deus, não consintas  
Que a pátria torne a deixar;  
Que da segunda ferida  
Talvez não possa escapar!

Se no íntimo a primeira

Feria-me d'alma a raiz,  
Bem pode inteira cortá-la  
Segunda na cicatriz.

Completa a cura, não deixes  
De novo o mal renascer;  
Que amarga mais que a desgraça  
A negaça do prazer.

Não suceda à cruz rojada  
Mais pesada nova cruz,  
Não condenes mais às trevas  
O cego a quem deste a luz.

**Mote**

*Quem Feliz-asno se chama  
De-certo é asno feliz.*

**Glosa**

Se Camões cantou Gama  
Por seus feitos de valor,  
Também merece um cantor  
*Quem Feliz-asno se chama.*

Qualquer burro pela lama  
Enterra pata e nariz,  
Mas este, que com ardis  
Chegou a ser senador,  
É besta d'alto primor,  
*É decerto asno feliz.*

**Mote**

*Beijo a mão que me condena  
A ser sempre desgraçado;  
Obedeço ao meu destino,  
Respeito o poder do Fado.*

(Pe. José Maurício)

**Glosa**

Como a adorei, não exprime,  
Não diz humana linguagem;  
Ninguém traçar pode a imagem;  
Daquele amor tão sublime!  
A cruel, por este crime,  
Eterno pranto me ordena.  
E eu, vítima da pena  
Da minha amorosa ofensa,  
Sem argüir a sentença  
*Beijo a mão que me condena!*

Sentindo a perseverança  
Da paixão que me domina,

De achar ao mal medicina  
Não alimento esperança,  
Não sinto a menor mudança  
Neste amor tão malfadado;  
Se este amor exagerado  
A mil desgraças me liga,  
Esta constança me obriga  
*A ser sempre desgraçado!*

Há um destino. — A razão  
Da paixão na imensa vaga  
De pronto seu facho apaga,  
E nos deixa a escuridão!  
Desse destino a impulsão  
Eu sinto se me examino:  
Sem luz, sem guia e sem tino,  
Nada cogito, nem quero;  
Não penso, não delibero,  
*Obedeço ao meu destino.*

Quando em calma cogitava,  
Calmo, estudando a verdade,  
A razão e a liberdade  
Sempre fortes, figurava,  
Mas ai, triste! nem sonhava  
Ver-me um dia neste estado!  
Agora desenganado  
Por tão acerba lição,  
Mais que ao poder da razão,  
*Respeito o poder do Fado!*

#### ***Mote***

*Ainda no mar do ciúme  
Fervem centelhas de amor.*

#### ***Glosa***

Do amor o ardente lume  
Eterno nunca se apaga  
Arde por baixo da vaga;  
Da suspeita o azedume  
*Ainda no mar do ciúme.*

Não lhe dissipa o fulgor,  
Tanto que quando o amador  
Chora da ingrata o quebranto,  
Por entre as bagas do pranto  
*Fervem centelhas de amor.*

#### ***Mote***

*Dois corações que se amam,  
Sem falar se comunicam.*

#### ***Glosa***

A freira, que madre chamam,

E o frade, que é frei Carvalho,  
Sustentam com seu trabalho  
*Dois corações que se amam.*

E tão bem se verificam  
Com manobras tão seguras  
Que, trabalhando às escuras,  
*Sem falar se comunicam.*

### **Mote**

*Soa o bronze, expira o dia,  
Eu triste fico a gemer;  
Eis qual vive o infeliz  
Eis aqui pois, meu viver.*

### **Glosa**

Já luziu no firmamento  
Do sol a luz radiante,  
Já seu raio fulgurante  
Deu ao mundo luzimento;  
Com sublime encantamento  
Já espargiu a alegria;  
Porém, ó céu, quem diria  
Que o sol havia expirar?!  
Lá o vejo descambar,  
*Soa o bronze, expira o dia.*

Vendo pois, da natureza  
O quadro todo mudado,  
Comparo-me ao seu estado,  
Me punge mortal tristeza  
Já não vendo esta beleza  
Que o sol faz o mundo ter.  
Vendo a noite já descer  
Com suas cores de morte,  
Lendo nela minha sorte,  
*Eu fico triste a gemer.*

Assim entregue ao azar  
Triste vítima do fado,  
Vivo sempre contristado  
E de contínuo a penar;  
Debalde busco encontrar  
Da felicidade o matiz  
Tudo que me cerca diz:  
“Vê lá das trevas no horror  
A imagem triste da dor;  
*Eis qual vive o infeliz.”*

Ouçõ a sentença da sorte,  
Mais se magoa o meu peito,  
E ainda à vida sujeito,  
Lamento não ver a morte,  
De dor em vivo transporte,  
Só desejo não morrer;

Desejo então mais sofrer,  
Porém, como sou cativo,  
Nem posso morrer nem vivo.  
*Eis aqui o meu viver.*

### **Mote**

*Junto de uma sepultura  
À sombra de seu salgueiro,  
Lamentando a minha sorte,  
Chorei o meu cativo.*

### **Glosa**

Como rompe cintilante  
O fuzil ferrenho véu  
De tempestuoso céu  
E o deixa negrejante,  
Nasceu, morreu num instante  
A minha doce ventura.  
Aflito em tanta amargura,  
Buscando então consolar-me,  
Solitário fui sentar-me  
*Junto de uma sepultura.*

Ali, triste meditando  
Em minha cruenta sorte,  
Parecia estar co' a morte  
Horas felizes passando.  
Da brisa o sussurro brando,  
A corrente do ribeiro,  
Das flores o grato cheiro  
Nada achava então suave  
Era qual dos mortos ave  
*À sombra de seu salgueiro.*

Toquei a laje pesada  
Penetrado de agonia,  
Sentiu essa pedra fria  
Minha alma, triste, gelada.  
Eis que a voz descompassada  
Ouvi do canto da morte;  
Pareceu-me em um transporte  
Seu triste acento escutando,  
Que também 'stava chorando,  
*Lamentando a minha sorte.*

Então, já desesperado,  
Entregue a pungente dor,  
Conheci todo o rigor  
De meu desumano fado;  
E nesse penoso estado,  
À sombra desse salgueiro  
Que me era tão lisonjeiro  
Por exprimir minha sorte,  
Em tristes hinos de morte  
*Chorei o meu cativo.*



**Mote**

*Quebrou amor por despeito  
As cordas da minha lira.*

**Glosa**

Porque me não viu sujeito  
De Marília aos ternos braços,  
De minha ventura os laços  
*Quebrou amor por despeito.*

Com isto não satisfeito,  
Cego nume aceso em ira,  
Do estro o fogo me tira  
E desde o fatal momento  
Rebentaram sem alento  
*As cordas da minha lira.*

Um cartucho de confeito,  
Num dia de patuscada,  
Nas ventas da minha amada,  
*Quebrou amor por despeito.*

Ela, vendo o tal sujeito,  
Com uma pedra lhe atira;  
Mas amor, p'ra que o não fira,  
Faz o corpo desviar  
E a pedra foi quebrar  
*As cordas da minha lira.*

**Mote**

*Pagode sem bebedeira  
Não é coisa de rapazes.*

**Glosa**

O meu bem em certa feira  
Em que comigo se achava,  
Disse que não adotava  
*Pagode sem bebedeira.*

Repreendendo-a da asneira  
Lhe disse: “Márcia, o que fazes?”  
Ela então, fazendo as pazes,  
Respondeu-me com carinho;  
“Gentes, pagode sem vinho  
*Não é coisa de rapazes.”*

**Mote**

*Ou são quatro as Graças belas  
Ou tu és uma das três.*

**Glosa**

Ou no beco das Cancelas  
Há uma Graça fugida  
Por vir do empíreo corrida,  
Ou são quatro as Graças belas,  
Uma moça igual a elas  
Lá encontrei uma vez

Em certa noite de Reis  
E lhe disse uma chalaça:  
“Ou há de mais uma Graça,  
Ou tu és uma das três.”

**Mote**

*Um só momento de amor  
Faz feliz um desgraçado.*

**Glosa**

Ao meu cruel dissabor  
Vou morrer; vem dar-me Armia,  
Como tacha de agonia,  
*Um só momento de amor*

Dá-me, dá-me por favor  
Um suspiro, um ai magoado;  
Que um ai de amor, temperado  
Em duro e cruel transporte,  
Até nas ânsias da morte  
*Faz feliz um desgraçado.*

**EPIGRAMAS**

*A um calvo pretensioso*

Cabeça, triste é dizê-lo!  
Cabeça, que desconsolo!  
Por fora não tem cabelo,  
Por dentro não tem miolo.

*Outras versões*

Vejam só esta cabeça!  
Oh! meu Deus, que desconsolo!  
Por fora não tem cabelo,  
Por dentro não tem miolo.

(Edição Melo Braga, p. 344)

Cabeça!... Que desconsolo!

Cabeça!... Força é dizê-lo  
Por fora não tem cabelo,  
Por dentro não tem miolo.

(Antologia Brasileira, de Werneck,  
13ª ed. p. 606)

Dizem que a Morte e Maurício  
Andaram na mesma escola:  
A Morte mata somente;  
Maurício mata e esfola.

Cravo, rosa, em jarra fina  
De ver tenho tido ensejo.  
Mas, senhora, flor em tina  
É a primeira vez que vejo.

Deus, para provar aos homens  
Toda a sua autoridade,  
Enviou-nos um bom tempo  
Que é pior que a tempestade.

Causa pena e causa espanto,  
E até mesmo causa dó  
Ver morder a tanta gente  
Um homem de um dente só.

Para mostrar que é um sábio  
E filho de boa gente  
E dos passados ministros  
Ser em tudo diferente,

Sua Excelência da Guerra  
Em tudo o que der à luz  
Em vez de assinar de nome  
Pretende assinar de cruz.

A peça *Degolação*  
Foi mui bem representada.  
Entre os muitos inocentes  
Foi a peça degolada.

Cada um de nós no mundo  
Fazemos nossa figura;  
Tu entisicas as partes  
Eu me encarrego da cura.

## MODINHAS

### FOI EM MANHÃ DE ESTIO

Foi em manhã de estio  
De um prado entre os verdores,  
Que eu vi os meus amores  
Sozinha a cogitar.

Cheguei-me a ela,  
Tremeu de pejo...  
Furtei-lhe um beijo,  
Pôs-se a chorar.

Eram-lhe aquelas lágrimas  
Na face nacarada  
Per'las da madrugada  
Nas rosas da manhã.

Santificada  
Naquele instante,  
Não era amante,  
Era uma irmã.

Dobrados os joelhos  
Os braços lhe estendia,  
Nos olhos me luzia  
Meu inocente amor.

Domina a virgem  
Doce quebranto,  
Seca-se o pranto,  
Cresce o rubor.

Nestes teus lábios  
De rubra cor,  
Quando tu ris-te  
Sorri-se amor.

Dos lindos olhos,  
Tens o fulgor,  
Se p'ra mim olhas  
Raios de amor.

De teus cabelos  
De negra cor,  
Forjam cadeias  
Brincando amor.

Neles p'ra sempre,  
Servo ou senhor,  
Viver quisera  
Preso de amor.

Rosas que tingem  
Fresco rubor  
Nas tuas faces  
Espalha amor.

Se de minh'alma  
Com todo o ardor,  
Chego a beijá-las  
Morro de amor.  
Tua alma é pura  
Celeste flor,  
Só aquecida

Por sóis de amor.

Já em ternura,  
Já em rigor,  
Dá vida e morte,  
Ambas de amor.

Quando a perturba  
Casto pudor,  
Encolhe as asas  
Tremendo amor.

Se do ciúme  
Sente o fulgor,  
Em mar de chamas  
Se afoga amor.

Se me concedes  
Terno favor  
Terei por lume  
Somente amor.

Porém no templo  
Mandarei pôr  
O teu retrato  
Em vez de amor.

## **A DESPEDIDA**

*(Romance)*

Adeus, adeus, é chegada  
A hora da despedida.  
Vou, que importa se te deixo  
Neste adeus a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos,  
Não te peço gratidão;  
Perdão — para os meus carinhos,  
Aos meus amores — perdão!

Eu era ente da terra,  
Eras um querubim!  
Deus tirou-te dos seus anjos,  
Não nasceste para mim.

Perdoa a meus amores  
Esta estulta elevação;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores — perdão!

O crime que cometi  
Foi muito punido já,  
Castigou-me o teu desprezo,  
Maior castigo não há.

Castigado, reconheço  
Quanto é justa a punição.  
Perdão — para os meus carinhos,  
Aos meus amores — perdão!

Pouca vida já me resta!  
Eu sinto que esta amargura  
Tão intensa muito cedo  
Há de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,  
Vem dar-me a absolvição:  
Perdão — para os meus carinhos,  
Aos meus amores — perdão!

Se me adoras, se me queres,  
Como dizes com ardor,  
Dá-me um beijo tão-somente  
Em prova do teu amor...

A paixão em que me abraso  
Dilacera o peito meu...  
Dá-me prazer, dá-me vida,  
Dá-me, dá-me, um beijo teu.

Amor anima e acende  
Em chamas do céu nascidas...  
Dois corações num abraço,  
Em um beijo duas vidas.

Uma vida que me falta...,  
A metade do meu ser  
Quero num beijo amoroso  
Dos teus lábios receber.

Sumiu-se, mas ainda escuto,  
Seus gemidos, que aflição!  
E esta mancha deste sangue  
Não se apaga. Oh! maldição!

Espectro, descansa,  
Que ao triste homicida  
As dores do inferno  
Começam na vida.

Ei-lo ali com o mesmo ferro.  
Oh! que terror! que tortura!  
Cavando junto a meu leito,  
A abrir-me a sepultura.

Espectro, piedade;  
Não caves assim...  
Eu dei-te um só golpe  
Tu mil sobre mim.

Acabou-se a minha crença,  
Sem crença devo morrer:  
Quando deixei de crer nela,  
No que mais poderei crer?

Onde a verdade  
Pode fulgir,  
Se até um anjo  
Sabe mentir?

Como um anjo me jurou,  
Como um anjo me sorriu,  
Como um anjo perjurou,  
Quebrou a jura — mentiu!

Onde a verdade...

No olhar e nas palavras  
Onde a inocência respira,  
Em tudo que diz — verdade,  
Só encontrei a mentira.

Onde a verdade...

Que mais desejas?  
Tudo te dei;  
De tudo em troca  
Nada alcancei.

Dei-te meu peito  
Em pranto e ais;  
Dei-te minha alma;  
Que queres mais?

Juraste eterna  
Fidelidade;  
Seguiu-se à jura  
A falsidade.

Em toda parte  
Vejo rivais;  
A fé perdi-te,  
Não creio mais.

Se não me queres,  
Se não me adoras,  
Quando me queixo  
Que tens que choras?

Ah! não me prendes  
No pranto teu;  
Não quero um pranto

Que não é meu.

Mas, oh! perdoa!  
Foi ilusão;  
Dos meus tormentos  
Tem compaixão.

Perdoa, esquece  
O meu rigor;  
Não fere a ofensa  
Que vem de amor.

## AO TROVADOR

Trovador, o que tens, o que sofres,  
Por que choras com tanta aflição?  
O teu pranto assaz me compunge,  
Trovador, ah! não chores mais não!

Se acaso a mulher que tu amas  
Te tratou com acerbo rigor,  
Trovador, ah! por isso não chores,  
Oh! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é a nuvem  
Quando o vento a impele no ar...  
O amor da mulher é volúvel,  
É tão vário qual onda do mar.

O amor da mulher é um frágil  
Pequenino, adoidado batel,  
Que vagueia sem norte, sem rumo,  
Té quebrar-se em ignoto parcel.

O amor da mulher é luzerna  
Numa noite de inverno a luzir;  
É estrela do céu entre nuvens  
Que a furto se vê reluzir.

A mulher tem o dom da beleza  
Tem maneiras que sabem levar...  
Mas no meio de seus atrativos  
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena  
Que os muros de Tróia abateu,  
Que infida, deixando o consorte,  
Para os braços de Páris correu.

A mulher tem feitiço nos olhos  
E nos lábios veneno letal;  
A mulher nos ilude chorando  
E sorrindo nos crava o punhal.

O amor da mulher, como a rosa  
Desabrocha, mas logo fenece;



A quem hoje a mulher idolatra,  
Amanhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,  
Não mendigues a sua afeição;  
Oh! despreza a quem te maltrata,  
Não suspires por ela mais não!

Eu sinto angústias  
Me sufocar;  
Não há remédio,  
Senão chorar.

Eia, choremos;  
Comece o canto;  
Também cantando  
Se verte o pranto.

O canto às vezes  
É brisa d'alma  
Que o mal consola  
E a dor acalma.

E cada letra  
Que o canto diz,  
Um ai exprime  
Do infeliz!

O canto é prece  
Que voa a Deus,  
Se um triste canta  
Os males seus...

E livre o canto  
No ar se isola;  
O céu penetra  
E Deus consola.

Depois que a ingrata  
Feriu-me tanto,  
Que de mim fora,  
Sem este canto!...

Talvez que as chagas  
Fossem mortais,  
Se as não curasse  
Com estes ais.

## **RISO E MORTE**

Eu vim ao mundo chorando,  
Chorar é o meu viver;  
Quando eu deixar de chorar,  
Estou prestes a morrer.

Quando a alma ao infortúnio

Assim ligado se tem,  
Como termo da desgraça  
A morte não longe vem.

Quando eu deixar de chorar,  
Quando contente me rir,  
Não se enganem, desconfiem,  
Que não tardo a sucumbir.

Vem, oh! morte, ver meu pranto.  
Não receies, podes vir;  
Choro nos braços da vida,  
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um prazer  
Que parece de ventura,  
Não é mais que um riso d'alma  
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se da vida  
Por ver nela o seu jardim;  
O desgraçado, na morte  
Por ver da desgraça o fim.

#### **O CEGO DE AMOR <sup>15</sup>**

Pensam que vejo, não vejo,  
Não vejo, que cego estou;  
De que me servem os olhos,  
Se minha luz se apagou?

Ah! não deixes que me perca  
Nesta imensa escuridão;  
Ó anjo que me cegaste,  
Vem ao menos dar-me a mão.

Ao avistar-te nos olhos  
A luz divina senti,  
E por perder-te de vista,  
A minha vista perdi.

Ah! não deixes...

Se eu cair, dá-me teus braços,  
Dá-me pelo amor de Deus,  
Que talvez recobre a vista  
Caindo nos braços teus.

Ah! não deixes...

#### **JÁ NÃO VIVE A MINHA FLOR**

---

<sup>15</sup> Nos Anais da Fundação Biblioteca Nacional, volume 3, artigo sobre Laurindo Rabelo, Teixeira de Melo faz a seguinte pergunta: “Tem certeza o Sr. Dias da Silva que são de Laurindo as modinhas O cego de amor e Descrença?”

Perdeu a flor de meus dias  
Todo o perfume de amor,  
Ramo seco pende d'alma,  
Já não vive a minha flor!

O tempo, que tudo muda  
Não minora a minha dor;  
Já não tenho primavera,  
Já não vive a minha flor.

Só encontro no deserto  
Bafejo consolador;  
Fechai-vos, jardins do mundo,  
Já não vive a minha flor.

### **NÃO TEM DÓ DO MEU PENAR**

A serva ingrata querendo  
Mais minha dor aumentar,  
Sorrindo bebe meu pranto;  
Não tem dó do meu penar.

Para as chagas da minh'alma  
Mais dolorosas tornar,  
Nas chagas cospe desprezos;  
Não tem dó do meu penar.

Zelando a vida que odeia,  
Que deseja torturar,  
Não mata, sangra as feridas;  
Não tem dó do meu penar.

A ingrata, a fementida,  
Me jurou constante amar;  
Hoje entregue a meu rival  
Não tem dó do meu penar.

Esse coração ingrato  
Que nada pode abalar,  
Petrificando meu pranto  
Não tem dó do meu penar.

Das saudades que na ausência  
Fizera amor vegetar,  
Arranca d'alma as raízes  
Não tem dó do meu penar.

O punhal n'alma me enterra  
E depois de apunhalar,  
Conta as gotas, bebe o sangue;  
Não tem dó do meu penar.

Dos olhos que fitos nela  
Nunca cessam de chorar,  
Sedenta pede mais prantos;

Não tem dó do meu penar.

Nestas veias cujo sangue  
Muito cedo há de esgotar,  
Injeta o fel do ciúme;  
Não tem dó do meu penar.

Com meus ais faço no céu  
De dor os astros chorar;  
Lília, tão perto de mim,  
Não tem dó do meu penar.

Ao ver-me continuamente  
De pranto o rosto banhar,  
Além de aumentar meu pranto,  
Não tem dó do meu penar.

A mesma morte a quem peço  
Venha meus dias cortar,  
Cruenta foge de mim;  
Não tem dó do meu penar.

Em vez de vir compassiva  
Minha dor aliviar,  
Sorrindo vê o meu pranto;  
Não tem dó do meu penar.

Busco às vezes negra noite  
Para meu pranto ocultar;  
O dia rouba-me as trevas,  
Não tem dó do meu penar.

De males furor insano  
Sobre ti vá me vingar,  
Já que tu, traidora ingrata,  
Não tem dó do meu penar.

### É AQUI... BEM VEJO A CAMPA

É aqui... bem vejo a campa  
Onde jazem meus amores,  
O perfume de su'alma  
Inda sinto nestas flores.

Aqui nasceram saudades  
Plantadas por minha mão,  
Nasceram — devem regá-las  
Pranto do meu coração.

Pranto amargo de minh'alma  
Orvalhe bem estas flores...  
Verta aqui saudosa mágoa  
Que sinto por meus amores.

Aqui nasceram saudades, etc.

## BEIJO DE AMOR

Se me queres ver ainda,  
Recobra da vida a flor;  
Deixa remoçar-me a vida  
Um beijo de teu amor.

De minha vida a ventura  
Teus lábios guardam consigo,  
Dá-me um só beijo e verás  
Se é mentira o que eu te digo.

Como a flor, do sol a um beijo,  
Se quiseses, podes ver,  
A minh'alma, semimorta,  
Num teu beijo reviver.

De minha vida a ventura, etc.

Só esperá-lo me alenta,  
Me conforta o fado meu;  
Imagina só por isso  
Quanto pode um beijo teu.

De minha vida a ventura, etc.

## A ROMÃ (*lundu*)

Entre as frutas que há no mundo  
Não há uma fruta irmã  
Na beleza e na doçura  
Da que se chama romã.

Tem coroa de rainha,  
Roxa cor na casca tem,  
Quando racha, me retrata  
A boquinha de meu bem.

Nos meus lábios sequiosos  
Dum néctar sinto a doçura  
Quando sedento lhe ponho  
A boca na rachadura.

Pela primeira vez vi  
Num jardim pela manhã,  
O meu bem que em vez de flores  
Só trazia uma romã.

## DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo  
Depois que teus olhos vi,  
Que só vivo por teus olhos,  
Não posso viver sem ti.

Contemplando o teu semblante

Sinto a vida me escapar.  
Num teu olhar perco a vida,  
Ressuscito noutro olhar.

Mas é tão doce  
Morrer assim.  
Lília, não deixes  
De olhar p'ra mim.

Num raio de teus olhares  
Minh'alma inteira perdi.  
Se tens minh'alma nos olhos,  
Não posso viver sem ti.

A qualquer parte que os volvas,  
Minh'alma sinto voar,  
Inda que livre nas asas,  
Preso só no teu olhar.

Mas é tão doce  
Prisão assim.  
Lília, não deixes  
De olhar p'ra mim.

Que era meu fado ser teu  
Ao ver-te reconheci,  
Não se muda a lei do fado,  
Não posso viver sem ti.

Por não ver inda completa  
Minha doce escravidão,  
Se me ferem teus olhares,  
Choro sobre meu grilhão.

Mas é tão doce  
Prisão assim.  
Lília, não deixes  
De olhar p'ra mim.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)